

# Mounta**in**

VOICES

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXII | #129 | jan/fev 2013

Escalada tradicional  
**Piraí do Sul - PR**

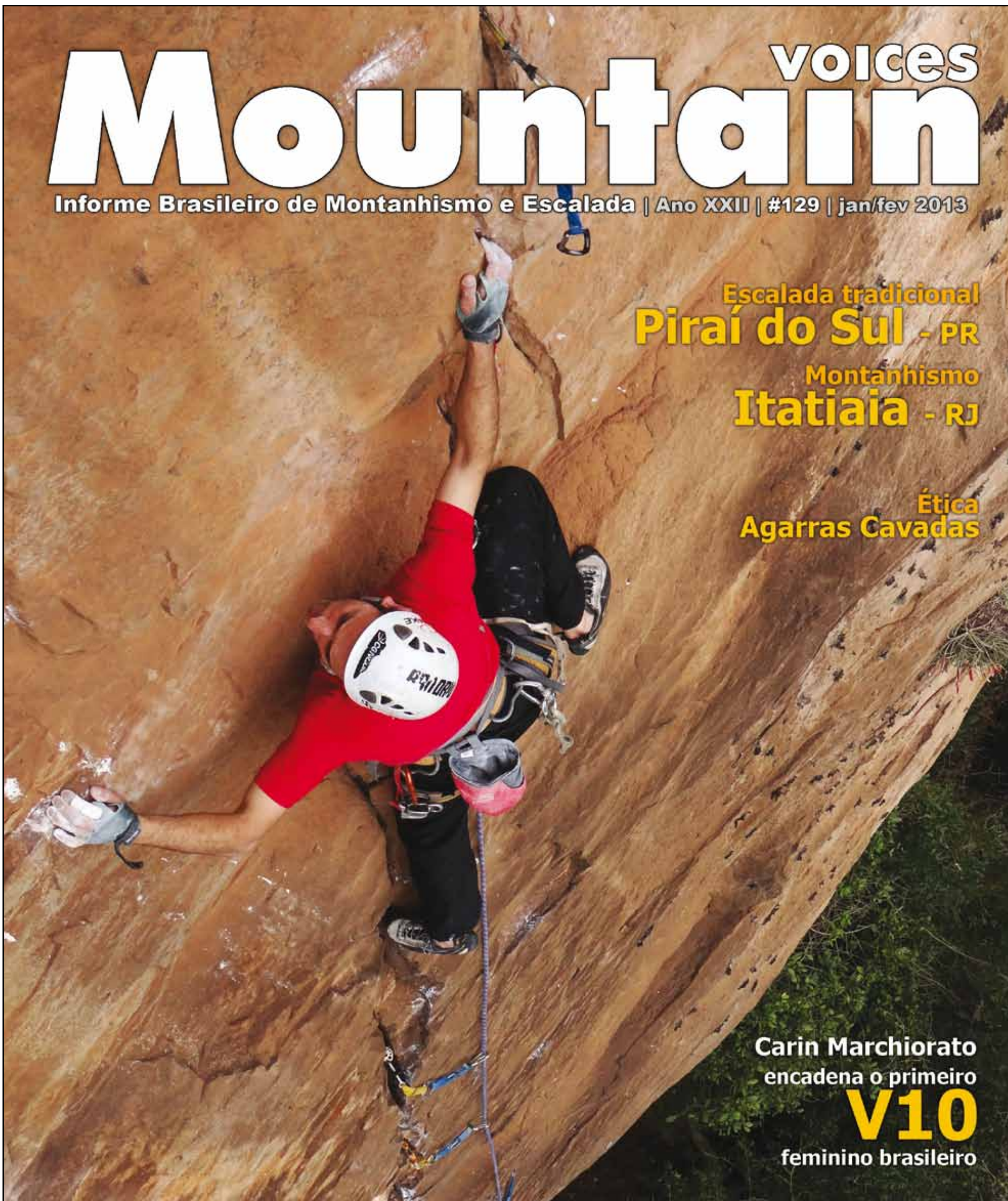
Montanhismo  
**Itatiaia - RJ**

Ética  
**Agarras Cavadas**

**Carin Marchiorato**  
encadena o primeiro

**V10**

feminino brasileiro



# Silver Fresh Performance T-shirt

Camiseta masculina e feminina com manga curta e manga longa.

**TESTADA E APROVADA EM SITUAÇÕES EXTREMAS**

**DESAFIO SERRA FINA 24 HORAS 2012**

**supplex®** **LYCRA** **UV**

Ação bacteriostática. Neutraliza bactérias e odores da transpiração. Toque suave e facilita a transpiração. Extremo conforto e mobilidade. Proteção contra os raios UVA e UVB.

Veja os depoimentos dos atletas que participaram do Desafio Serra Fina:

**Jorge J. Oliveira**  
*"Realmente, na questão controle de odor, se mostrou bastante satisfatória, bem como, no aspecto de rápida secagem, mesmo considerando que o dia estava muito quente e a transpiração (no meu caso) ser bastante abundante. Certamente comprarei esse tipo de produto para novas trilhas!"*

**Cesar M. Simões**  
*"No geral gostei bastante. Ela seca rápido a transpiração, dando mais conforto."*

[www.curtlo.com.br](http://www.curtlo.com.br) / [www.silverfresh.com.br](http://www.silverfresh.com.br)

[www.youtube.com/curtiobrasil](http://www.youtube.com/curtiobrasil) [www.facebook.com/curtiobr](http://www.facebook.com/curtiobr) [www.twitter.com/curtiobr](http://www.twitter.com/curtiobr)

Produzido no Brasil

**CURTLO**  
Aonde você for!

# Internacional



ALESSANDRA ARRIADA | RS

Acompanhar as notícias do que ocorre na escalada mundial é sempre proveitoso e muitas vezes nos enche de motivação e inspiração saber dos últimos feitos e melhorias de desempenho dos escaladores mundo afora. Por que não também aproveitar resoluções e reflexões de países em que a escalada é mais amplamente praticada e discutida?

Em 2002, na Conferência sobre o Futuro dos Esportes de Montanha, em Innsbruck, Áustria, foi definida pela UIAA (Union Internationale des Associations d'Alpinisme) a Declaração do Tyrol para Melhores Práticas nos Esportes de Montanha. Nesse

tratado, foram discutidos os principais valores éticos e melhores práticas no montanhismo, com o objetivo de definir os princípios que regem o esporte e abordar padrões de conduta para tomada de decisões nas diferentes situações e ambientes da escalada, trekking e outros esportes de montanha, além de defender esse tipo de atividade como uma forma de recreação e desenvolvimento pessoal promovendo aos praticantes maior entendimento cultural, consciência ambiental e sociabilidade.

A UIAA já havia reunido essas ideias em grandes publicações e declarações em outros tratados, como: a Declaração de Katmandu (1982), The Summit Charter (2001) e posterior a Declaração do Tyrol ainda houve em 2009 a The Mountain Ethics Declaration.

O tema, apesar de antigo, nunca se mostrou tão atual e relevante, uma vez que se observa um grande aumento do número de montanhistas, não só escaladores, mas também aqueles que eventualmente saem das grandes cidades a procura de caminhadas e práticas em ambientes de montanha. O crescimento de áreas de forma desordenada e sem atender certos princípios éticos, muitas vezes óbvios, faz com que importantes locais de escalada sejam fechados ou que o acesso a parques e montanhas seja restrito. A reflexão do certo e errado, do razoável e socialmente aceito, do agradável e do desnecessário, é importante não só para o futuro da escalada, como também para se crescer e evoluir como ser humano que vive em gru-

pos sociais. Alguns assuntos importantes são abordados, como responsabilidade individual, espírito de equipe, uso de oxigênio em alta montanha, emergências, acesso e conservação em áreas sensíveis, 'first ascents', e até expedições. Ou ainda, na versão tupiniquim desses tratados, elaborada pela CBME (Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada), direito de acesso às áreas de escalada, taxas de entrada e concessão de serviços e também acesso responsável e compromisso com o meio ambiente.

Mas refletir sobre uma hierarquia de valores que bem poderia ser aplicada em qualquer situação é, no mínimo, interessante. Por exemplo, todos nós, escaladores ou não, temos direito à liberdade e felicidade. Como diz no tratado, nascemos com direito a sermos livres e iguais, em dignidade e respeito, com direitos e deveres. É primordial o respeito a nossos costumes, a nossas crenças e valores, ao ambiente em que vivemos e ao nosso direito de ir e vir. A preservação dessas características deve ser respeitada por qualquer pessoa ao nosso redor, que compartilha de nossa atividade ou não. O respeito ao próximo, a solidariedade, a compaixão, a tolerância, devem ser valores empregados no dia a dia de uma escalada ou caminhada e também introyetados ao nosso dia a dia e a nossa rotina. As montanhas, assim como todos os ambientes naturais, devem ser respeitadas e preservadas. O cuidado à suas comunidades tradicionais também deve ser mantido e aprendido assim como o cuidado com as espécies endêmicas de flora e fauna. O montanhismo deve ser um instrumento de desenvolvimento sustentável em áreas de montanha e não uma ameaça. E assim como em qualquer outra atividade, a responsabilidade individual e coletiva é inerente às atividades de montanha. Cada um é responsável por suas escolhas e desafios assumidos, cada um deve ser apto a buscar seu equilíbrio entre suas habilidades e seus objetivos, de maneira a assumir sempre os riscos e arcar com as responsabilidades. No montanhismo, devem-se praticar sempre os princípios da excelência e verdade, onde, no primeiro, buscamos sempre realizar da melhor forma possível o que nos propomos a fazer, atingindo nossos objetivos e buscando sempre melhorar nossos padrões, e, no segundo, buscamos sempre a verdade, ou seja, reconhecer honestamente nossas falhas e habilidades, como uma maneira de tornar possível nossa evolução verdadeira. Dessa maneira, da mesma forma que admitimos que ainda não estamos preparados para uma graduação ou via específica, devemos aceitar certas limitações a algumas situações ou obstáculos, buscando sempre superá-los, com consciência e esforço, para só assim, evoluirmos. E por último, mas talvez o mais importante, vislumbrar a escalada como uma excelente oportunidade de realização pessoal. Estendendo nossos limites, elevando nosso espírito e almejando, sempre, e nunca menos, que o topo (Stretch your limits, lift your spirits and aim for the top)!

# Novas companhias novas viagens

**Transglobe**

Para uso como mochila ou mala de mão. Bolso frontal destacável virando mochila de ataque. Capa de chuva e armação embutida. Tecido de alta resistência.

**Trilhas Orbi**  
Bolsa de viagem com rodinhas, alça telescópica e um dos compartimentos em estrutura rígida. Super reforçada. Possui pontos refletivos.

**Trilhas Pilatt**  
Para pequenas viagens e dia a dia. Super reforçada. Três bolsos externos, grande espaço interno, fundo rígido e pontos refletivos.

**www.trilhaserumos.com.br**  
R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis - RJ - (21) 2742-9652 - Fax: (21) 2742-5781

**Vestuário**  
**Mochilas**  
**Sacos de dormir**  
**Acessórios**

# EU SOU A MONTANHA

Subir é aprender a ser livre. A SOLO® veste sua liberdade para você viver a aventura.

Fernanda Rocha @ Sinos de Aldebarã - Serra do Cipó - MG por Marcelo André.

**VISTA SUA LIBERDADE** [www.solobr.com](http://www.solobr.com) **SOLO**

# A importância das competições no Brasil

ANDRÉ BEREZOSKI | SP

Quando recebi o convite por parte do Mountain Voices para manter uma coluna a cada edição, confesso que a princípio encontrei uma tarefa difícil para alguém que não tem como hábito falar muito, mas logo fui confortado pelo próprio Eliseu que era só relatar minhas experiências diárias e acumuladas dentro dos tantos anos dedicados a escalada, que tava tudo certo. Experiências que foram adquiridas à base de treinos e superação dos meus próprios limites nesse esporte que tanto me completa. Em outra época, com outras facilidades e também muitas dificuldades, outro foco, mas uma motivação que perdura até hoje, tento repassar para os praticantes atuais, que por várias vezes têm nas mãos inúmeros benefícios e vantagens (muito diferente do passado, onde a gente corria atrás como louco, pois não havia internet), mas que por várias situações percebo que são poucos os que realmente abraçam a causa e levam a sério o desenvolvimento do esporte. E hoje existe uma porcentagem mínima, ou quase inexistente, de pessoas que conseguem se dedicar 100% à escalada de competição.

O que mudou? E por que mudou? São perguntas que pairam no ar uma vez que tudo caminha para a constante evolução, as referências e grandes nomes nunca deixaram de existir, "pipocam" points de escalada por todos os cantos do país, infinitamente mais escaladores povoam estes points, novos ou clássicos, mas, ainda assim, em meio a tantos escaladores, por que não surgem gerações de competidores capazes de se entregar ao esporte? Vejo que isso ainda trava a

evolução da escalada no Brasil. Obviamente dentre todas as crianças que nascem no Brasil e tem acesso ao futebol, deste meio, se retira uma porcentagem gigantesca de promessas e talentos, porcentagem esta que na escalada só é bem mais aproveitada na Europa pela questão cultural. Mas, mesmo assim, acho e tenho esperança que um dia esse quadro se reverta, mas sem comparações ao futebol, claro. Hoje existem várias escolas, buffets e condomínios com paredes de escaladas, e isso é um ótimo sinal. O que tento passar nesta edição é um pouco de como a escalada, principalmente de competição, foi vivida por mim. Em uma época onde os encontros de escalada praticamente não existiam, as competições pelo Brasil eram a forma encontrada para a comunidade nacional se reunir e trocar informações. Sem dúvida a competição tinha ali seu papel de identificar um campeão (ã), (todos gostariam de ser campeões), mas havia um "algo a mais" que nos movia a centenas de quilômetros e nos levava a lugares desconhecidos, com situações adversas, como o de ficar sabendo das competições semanas antes da data oficial e sair juntando trocados para pegar um ônibus, passar à noite na estrada, chegar sem saber onde seria o local exato, carregar um mochilão nas costas para poder comer e dormir muitas vezes em escolas ou campings, ficar isolados em banheiros por até 12 horas, e mesmo com tantas adversidades, tudo era uma festa, aconteciam diversos campeonatos por todo o país, em uma quantidade infinitamente maior do que a de hoje, ao ponto de termos que decidir no mesmo final de semana para qual cidade ir para competir, e com um número de escaladores bem mais representativo. Tudo estaria bem, se esta situação tivesse acontecendo nos últimos 5 anos, mas a realidade destes fatos aconteceram há 20 anos atrás, e é aí que entra a dúvida: será que está tão difícil assim entrar na internet pra buscar por competições e eventos? E, ao mesmo tempo, comprar uma passagem de avião que são pechincha hoje em dia? Ou seria a falta de suporte para treinos? Será que os ginásios, infraestrutura, informação sobre treinos e equipamentos não sofreram atua-

lização? Qualquer um sabe que hoje tudo está na mão e só não se desenvolve quem não quer, ou não está disposto a estragar a palma da mão com bolhas e calos dos treinos. Ao saber que o campeão mundial de Boulder, o russo Dmitry Sharaduftinov, treina em uma parede de 5x5 m, e que só depois de ganhar seu 3º título mundial ele pode finalmente fechar um contrato descendente de patrocínio, e treina fazendo barras em horas vagas, nos prova que realmente a força de vontade e disciplina passam por cima de qualquer megaestrutura ou investimento e me remete às lembranças da decisão de treinar mais seriamente e focar mais nas competições. Meus treinos eram realizados em uma estrutura básica e muito simples, mas que se comparados aos treinos de hoje, seriam séries duras de serem completadas, muitas barras, sim, barras, um exercício básico para a escalada, mas que surtiriam um efeito absurdo na minha formação, além de muita escalada de todas as formas, ou seja, a descoberta do movimento em sua mais profunda avaliação e aquisição de um repertório vasto, e o melhor, estar sempre se divertindo em meio a outros tantos escaladores durante as "sessions" de treino. Incrivelmente, as horas investidas nos treinos não eram um aborrecimento, muito pelo contrário, a sensação de sentir o passo a passo da evolução era como um motor sendo amaciado para atingir então seu ponto alto de rendimento, sem sofrimento mental, só físico e disciplinar, tudo pensando na competição seguinte.

A escalada de competição no Brasil já passou por vários ciclos que se iniciaram, tiveram seu auge e retraíram novamente. Convivi com esses ciclos que duram em média quatro anos, e percebo que a cada ciclo, o número de reclamações aumenta e o de competidores diminui, infelizmente, e não é dizer que as competições estão sendo realizadas de qualquer forma, muito pelo contrário, a cada evento, o nível de comprometimento e profissionalismo por parte dos organizadores atinge níveis que estão nos mesmos moldes das competições internacionais, e para quem nunca esteve participando de uma organização

de campeonato, definitivamente não poderia se queixar sem antes ao menos ter vivido esta experiência. Em contra partida, existem os que são amantes desta modalidade e vão a fundo, e à sua maneira nunca deixam de contribuir para que as competições não deixem de acontecer, seja uma empresa acreditando nessa parceria de eventos x comércio, sejam os organizadores, passando por ginásios a escaladores aficionados, que sofrem para organizar um evento (só quem já esteve em uma organização pode dizer), atletas que se dedicam de verdade nos treinos, route setter, onde confesso que minha eterna paixão de estar presente dentro das competições só é substituída pelo compromisso de fazer as mesmas evoluírem e de ver o público, que tem que ver o show acontecer, show este que fica a cargo dos que realmente treinam e se dedicam, e que têm um respeito de toda uma comunidade e são peça fundamental para que futuros competidores tenham nomes e parâmetros a serem seguidos. As competições escolares, organizadas pela APEE (Associação Paulista de Escalada Esportiva), são a prova mais viva da importância para o desenvolvimento do esporte, elas têm acontecido com um número cada vez maior de crianças que estão lá pelo simples prazer de estar em um evento dedicado a elas, competindo ou não, a forma mais simples e divertida é que deveria ser considerada um exemplo por gerações mais velhas, e não o contrário.

Desde 1998, o Campeonato Brasileiro é reconhecido pela CBME, organizado de forma oficial, seja ele com uma ou três etapas, como já aconteceu. E essa experiência tem funcionado até 2012, que contou com três etapas de Boulder e uma de dificuldade. A tendência seria que todos os envolvidos no esporte não deixassem a corda afrouxar, pois tem muita gente e muita empresa com objetivos em comum para ver a evolução acontecer.

Boas escaladas a todos.

André "Belê" Berezoski - atleta apoiado por Five Ten, Conquista Montanhismo, 4Climb, Casa de Pedra, SOS Sapatilhas e BelêPad.



André "Belê" Berezoski

14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

[www.penatrilha.com.br](http://www.penatrilha.com.br)



Rua Apeninos 803 São Paulo SP  
11 3562 1801

## Para os apaixonados por caminhadas em meio à natureza!

### V-Lite Buxton MID WP

Com um design tradicional e um toque moderno, é leve, confortável e impermeável.



#### V-LITE (vertical build system)

Sistema de construção vertical que reduz consideravelmente o peso do calçado.



#### CABEDAL

Construído com materiais mais leves.



#### PALMILHA

Tecnologia Confor-Tec fabricada em EVA removível.



#### STABILA FLEX PLUS

Plataforma fabricada com plásticos reciclados que asseguram a mesma rigidez das hastes de aço, sem o excesso de peso.



#### ENTRESSOLA

Produzida em CMEVA para melhor absorção de impacto.



#### SOLA MDT

Produzida com borracha de carbono, é leve e proporciona alta tração multidirecional.



#### DRI-TEC (waterproof membrane)

Oferece excepcional impermeabilização e excelente respirabilidade.



[www.hi-tec.com](http://www.hi-tec.com)

**HI-TEC**  
INSPIRED BY LIFE

# Agarras cavadas

## O que está certo ou errado nesta prática?

Bill Ramsey, professor de filosofia na Universidade de Las Vegas (EUA) e escala há 33 anos, escreveu este ensaio na revista americana Climbing, que além de ser um estudo e uma abordagem do raciocínio lógico empregado para os temas da escalada, serve como base de ampliação do pensamento livre e inquisitivo para as questões dogmáticas que influenciam os esportes em geral. Estaria o futuro da escalada dependente da quebra de paradigmas atuais? O que vem por aí?

BILL RAMSEY | EUA

*The Nose, Outer Limits, Le Rose et le vampire, Just Do It.* Cada uma destas escaladas tem um lugar na história, tanto pelo que significa para o esporte, mas também porque tem as características de uma escalada “clássica”. Todas são linhas singulares que abordam características impressionantes. No entanto, cada uma destas grandes escaladas também compartilham uma característica que muitos não conhecem, e outros optam por ignorá-la: todas tem agarras deliberadamente cavadas para que pudessem ser escaladas em livre.

A maioria dos escaladores são hostis ao expressar suas opiniões sobre cavar agarras, mantendo um desdém dogmático sobre o tema. Mas cavar agarras é uma prática tão antiga quanto a escalada em si, e seria pouco dizer que os escaladores são esquizofrênicos quando o assunto é este. Mas por quê?

Este ensaio apresenta uma defesa limitada sobre a prática de cavar agarras, extraído do novo livro **Climbing - Philosophy for Everyone: Because It’s There**.

**Escalada , Filosofia e Ética**

Escalada e filosofia se cruzam com relação ao comportamento ético dos escaladores. Algumas das questões éticas na escalada envolvem uma extensão direta dos demais princípios morais. Por exemplo, é errado mentir sobre suas realizações de escalada, porque, em geral, é errado mentir. No entanto, outras questões éticas envolvem fatores que são únicos para escalar e não podem ser resolvidas invocando outras regras morais. É errado, por exemplo, equipar rotas com corda de cima? É “roubar” pré-equipar rotas antes de escalá-las em um lugar de escalada tradicional? Para esses tipos de perguntas, as regras morais que conhecemos não se aplicam de forma direta, e temos que pensar por nós mesmos para definir o que é certo ou errado dentro do contexto da escalada e do montanhismo.

Ao fazer isso, podemos adaptar uma forma de ética prática para escaladas. Tradicionalmente, a ética prática tem sido a busca de soluções racionais para problemas importantes que enfrentamos, como as alterações climáticas. No entanto, a ética prática pode ser aplicada a coisas menos pesadas, como a escalada. Embora cada escalador precise decidir por si quais as regras a respeitar, não se deve achar que vale tudo, ou mesmo que a opinião da maioria simples é o certo em todas as questões. É certamente possível para escaladores, como qualquer outra pessoa, aceitar regras que são mal concebidas ou que realmente não fazem sentido. Assim, usando a ética prática, podemos perguntar se certas regras antigas ou atitudes devem ser revistas ou até mesmo abandonadas.

Neste texto farei isso com à questão de cavar agarras. Através da aplicação de algumas das mesmas estratégias que são comuns a ética prática, vou mostrar como as atitudes populares sobre as agarras cavadas não são razoáveis e fora de sincronia com

outras atitudes e práticas comuns da escalada em rocha.

Ética prática não exige uma fórmula esotérica. Em vez disso, como toda boa filosofia, envolve simplesmente pensar com cuidado sobre um tópico de uma forma crítica e coerente. No entanto, verifica-se que as pessoas não são muito boas nisso! Muito pelo contrário. Estudos revelam que as pessoas se deixam levar por preconceitos, abraçam crenças que são incompatíveis com outras crenças, deixam de pensar sobre o que seus pontos de vista implicam, e endossam argumentos falaciosos. Conseqüentemente, as boas práticas da ética podem ser úteis, ainda que perturbadoras, revelando como nossos pontos de vista comuns sobre um tema que pensávamos entender, estão enganados. Eticistas práticos muitas vezes servem como críticos sociais, desafiando pressupostos convencionais e atitudes. Uma das maneiras de fazer isso é revelar como alguns dos nossos compromissos conflitam com outras atitudes que temos. Eticistas práticos muitas vezes colocam em cheque o que antes parecia consenso, através da construção de argumentos que expõem inconsistências escondidos em nossas crenças.

Para começar, vamos refletir sobre a natureza da controvérsia das agarras cavadas. Diferentemente da maioria dos debates, esta não é alimentada por duas facções igualmente francas. Com poucas exceções, praticamente ninguém defende abertamente o ato de cavar agarras. Na literatura da escalada, parece haver consenso quase universal de que qualquer forma de fabricação de pontos de apoio é ruim. Na verdade, mesmo em uma das poucas defesas das agarras cavadas, um ensaio de 1990, a prática é descrita como “fundamentalmente terrível” e “degradante”.

Assim, dado o aparente consenso, em que sentido há uma controvérsia? A controvérsia existe porque, apesar da rejeição aberta, a fabricação de apoios ocorre em muitas novas rotas. Em outras palavras, declarações comuns estão em conflito com as ações ordinárias, resultando em uma incongruência profunda sobre a forma como algumas vias são abertas.

Tomemos, por exemplo, *The Nose* no El Capitan como um exemplo de escalada livre. É do conhecimento geral que, além das várias cicatrizes de pitons que tornaram as fendas passíveis de serem escaladas, existe um trecho sem variantes que é chamado de *Jardine Traverse*, onde as agarras foram cavadas. Então, por um lado, pessoas dizem que rotas com agarras cavadas são rotas contaminadas com práticas erradas. Mas no entanto, uma via que tem agarras cavadas é considerada como uma das maiores escaladas livres do mundo. E isso é verdade em muitas rotas em todo o mundo: *Le Rose et le vampire* em Buoux, *Bronx* em Orgon, ou *The Crew* em Rifle, para citar apenas alguns, são geralmente vistos como clássicos ou realizações inovadoras, mesmo embora a sua existência depende, pelo menos em

parte, de um estilo que é abertamente tido como explorável.

O que devemos fazer com isso? Uma possibilidade é que a fabricação é de fato profundamente errada, e nós escolhemos ignorar isso para não nos incomodarmos com o que já está feito.

Porém, creio que seja mais plausível, apesar da indignação manifesta sobre as agarras cavadas, nós tentarmos entender o que exatamente, está errado com esta prática. Após uma reflexão mais profunda, os argumentos populares contra a manufatura de pontos de apoio não são convincentes e não se mantêm a um exame minucioso. Em outras palavras, a razão de haver vias sendo abertas com agarras cavadas ainda ocorre porque a condenação em si não está devidamente fundamentada. Na verdade, se nós empregamos ética prática em relação as agarras cavadas, ou seja, se nós nos comprometermos a um cuidadoso e consistente raciocínio, acabaremos com uma análise que sugere, pelo menos em certas circunstâncias, que a fabricação de pontos de apoio deve ser considerada como aceitável.

Como fazer tal análise? Replicando uma estratégia comum em ética prática, a primeira premissa seria a expressão de um princípio normativo geral que a maioria dos escaladores acreditam ser práticas aceitáveis para a abertura de uma rota. A segunda premissa, que é afirmar que cavar agarras é uma aplicação legítima desde o princípio (e, portanto, uma atitude anti-produção está em conflito com o princípio aceito). A conclusão seria que a fabricação em algumas circunstâncias, é uma prática aceitável.

**Analise os argumentos**

(A) Há circunstâncias tais que, na preparação de uma via, a modificação da rocha para tornar mais escalável é aceitável.

(B) O conjunto de circunstâncias em que a modificação de rocha é aceitável, por vezes, inclui a fabricação de pontos de apoio.

(C) Desta forma, a fabricação de agarras, por vezes, é aceitável.

*Junco*

Enquanto (A) pode inicialmente chocar alguns como implausível, creio ser fácil de mostrar que é um princípio que a maioria dos escaladores abraça. A premissa mais controversa é (B). É claro, (C) segue diretamente de (A) e (B), então se você aceitar essas duas premissas, você precisa aceitar (C). Antes de avaliar premissas (A) e (B) é preciso esclarecer algumas coisas. Primeiro, devemos deixar mais claro o que se entende por “fabricação.” Há um conjunto de alterações de rocha diferentes, que têm sido citados como fabricação de agarras, incluindo algumas que foram feitas involuntariamente com pitons, reforço de agarras soltas com

cola, modificação de agarras que machucam, limpeza agressiva, e por último, perfuração da rocha onde não existia nada, para “fabricar” um ponto de apoio.

Em segundo lugar, é preciso especificar o tipo de circunstâncias que se tem em mente quando achar que a fabricação é aceitável. Escaladores parecem ter uma atitude de tolerância zero, o que pode ser bastante conservador. É impossível dar uma descrição detalhada de todos os cenários de produção aceitáveis, mas acho que não será necessário. Em vez disso, podemos descrever um cenário protótipo e depois nos preocuparmos com o quão longe é aceitável nos afastarmos. Vamos dizer que o arquétipo de fabricação aceitável envolve a preparação de uma rota não escalada em livre em uma área de escalada esportiva, que tem a maior parte do seu percurso “escalável”, mas também trechos de rocha lisa. Para juntar as seções com e sem agarras um número limitado de agarras são fabricados nas seções lisas. Esse é o paradigma que o seguinte argumento destina-se a defender.

A modificação da rocha é aceitável, em situações como a remoção de pedras soltas para ser escalada posteriormente. Quando abrimos uma rota, é universalmente aceitável remover todos os blocos soltos, agarras podres ou fracas, e assim por diante. Com efeito, a remoção de pedras soltas é geralmente tratada como obrigatória, e uma obrigação de quem a conquista.

Sabemos que um princípio normativo específico da escalada e abraçada pela maioria dos escaladores diz que é certo modificar a rocha para criar uma rota escalável. A remoção de pedras soltas é um tipo de modificação. Alguém que aceita a retirada de pedras soltas, tem o ônus de apresentar uma razão convincente para que as agarras cavadas não sejam aceitas em casos específicos. A maior parte dos escaladores simplesmente afirma que é errado cavar agarras e deixam por isso mesmo.

Abaixo estão quatro razões que são geralmente dadas para a rejeição (B).

**Motivo 1: Modificação da rocha é aceitável apenas por razões de segurança.**

A remoção de pedras soltas tem a ver com o perigo potencial que elas apresentam, e de um princípio moral - de que você não deve colocar outros em risco desnecessário. O equipador da rota tem a obrigação de não expor os escaladores subseqüentes a riscos inesperados, e é por isso que remover pedra solta é aceitável. Mas essa justificativa não se aplica à fabricação de agarras e, assim, (alega-se) (B) é falsa.

Este argumento é uma boa razão para tratar a fabricação de agarras como diferente de remover pedras soltas. No entanto, dois pontos minam a relevância da segurança. Primeiro, nem todas as formas de remoção aceitável envolvem o material (rocha) que é potencialmente perigoso. Os equipador da rota pode e até deve remover rocha de má qualidade, solta ou suja que pode não representar qualquer perigo real, mas que pode, no entanto, fazer a escalada se tornar desagradável. Uma atitude semelhante se aplica à sujeira, vegetação, líquenes e ervas daninhas que podem ser encontrados em agarras ou em fendas. Conquistadores que deixam pedras soltas ou “sujeira” na via são tachados como tendo feito um trabalho ruim, mesmo que o mesmo não possa realmente machucar outros escaladores. Por conseguinte, é amplamente reconhecido que a modificação aceitável do terreno de escalada se estende para além das preocupações de segurança.

Segundo, a principal escolha do equipador da rota não é ignorar um perigo potencial para os outros e sim remover o que causa perigo. Afinal, se nenhuma rota é estabelecida, a pedra solta não vai representar perigo real. A escolha real é entre o estabelecimento de uma rota (o que exige modificação), ou simplesmente ir embora e não estabelecer nenhuma rota. O resultado é que realmente não se pode afirmar que a modificação da rocha é feita apenas por motivos de segurança, uma vez que existem outras opções, mesmo que seja apenas estabelecer rotas em rocha sólida.

**Motivo 2: a fabricação de agarras viola importantes compromissos ambientais.** A maioria dos escaladores tem uma preocupação perfeitamente legítima para preservar o meio ambiente natural, pelo menos, tanto quanto possível. Cavar agarras é freqüentemente descrito como ambientalmente reprovável porque altera e “desrespeita” a pedra. Deste modo, não devem ser tratados da mesma forma como a remoção de pedras soltas.

Respeito ao meio ambiente é realmente bom, mas já aceitamos que o uso do agreste envolve mudar o ambiente de diversas formas. Trilhas para acessar as montanhas, os grampos na rocha e a remoção de pedras soltas e flora envolvem uma modificação amplamente aceita da natureza para que possamos ir subindo. É difícil entender por que uma preocupação ambiental direcionada para a rocha, distingue tão diferentemente a remoção de pedras soltas e remoção de rocha sólida para fazer algo escalável. Além disso, é também difícil entender por que a remoção de líquens, ervas daninhas e capim não é ambientalmente mais danoso do que cavar agarras, uma vez que envolve matar uma parte viva da natureza (note que, a partir de uma perspectiva ambiental, matar uma árvore é considerada mais grave do que quebrar uma pedra no chão).

Alguns concordam que às vezes precisamos alterar a natureza para os nossos propósitos, mas insistem que há um limite, e a fabricação de agarras está neste limite, além de um nível aceitável de impacto ambiental. Não tenho nenhum problema com a idéia de que há um limite de impacto ambiental, e que há uma linha que não devemos cruzar. O que eu rejeito é a ordenação proposta que coloca a fabricação de agarras ainda mais para baixo na sequência de outras coisas que achamos aceitáveis. Em comparação com trilhas, grampos, pitons, magnésio e da limpeza de pedras soltas e agarras com vegetação, a fabricação de agarras é, provavelmente, um dos aspectos menos ambientalmente impactantes da escalada. Você pode ser tentado a dizer que a fabricação altera permanentemente a rocha, enquanto coisas como magnésio são apenas temporários. Este é um pensamento realista. Dê uma caminhada através de Smith Rock, canyon Eldorado, Motherlode ou virtualmente qualquer outro parede ou falésia popular de rocha escura ou negativa. Da trilha, você verá as marcas de carbono de magnésio na parede e que estarão lá nos próximos 20 anos - e continuarão a estar lá por várias gerações. Na verdade, é mais fácil de pre-enchêr alguns buracos furados do que lavar todo o magnésio “temporário” das paredes.

**Motivo 3: Mantenha desafios para as futuras gerações de bons escaladores.** Outro argumento que, inicialmente, parece plausível é um argumento sobre a perspectiva sobre o futuro do esporte. Aqui, afirma-se que, ao cavar agarras e tornar uma linha possível, os que fabricam agarras estão roubando as futuras gerações de conceber linhas naturais no futuro, quando os escaladores estarão mais fortes. Como se os

5.15b’s de hoje fossem rebaixados à marreta para 5.14’s, e os Sharmas e Ondras do mundo não tivessem mais projetos.

Uma série de considerações minam este raciocínio. Primeiro, em nossa descrição de fabricação aceitável, estipulamos que a modificação adequada somente se aplica à rocha verdadeiramente inescalável, de tal forma que ninguém no futuro poderia escalá-la. Em discussões sobre este tema, há muito de se preocupar sobre o discernimento do que é rocha inescalável. Declarações como “Quem vai dizer o que é inescalável?” e “Ninguém sabe realmente o que vai ser possível no futuro” são comuns. Bobagem. Embora seja verdade que as pessoas estão subindo hoje as coisas que já foram descritos por alguns como inescaláveis, não é verdade que rocha inescalável é impossível de se detectar. A menos que você seja completamente ignorante da física e da fisiologia humana, é fácil reconhecer seções de rocha que nunca serão escaladas em sua forma atual. Se você acha que é impossível reconhecer rocha realmente inescalável, vamos fazer um acordo. Eu escolho uma seção de 20 metros de rocha em uma falésia em algum lugar e declará-la inescalável. Se, nos próximos 15 anos, alguém a subir em sua forma atual, então eu lhe pago US\$ 10.000. Se não escalá-la nessa forma, então você deve me pagar US\$ 10.000. Alguém interessado?

A forte resposta a esta preocupação é reconhecer que uma aceitação geral de fabricação de agarras ajudará significativamente, em vez de dificultar, as futuras gerações de escaladores. Em um determinado ponto no tempo, incluindo pontos de futuros no tempo, há mais rocha inescalável no mundo do que apenas um pouco de rocha escalável. Escolha qualquer grau que você acha que pode ser a ponta para alguma geração futura. 5.17d? Ok, não é a rocha uma matéria-prima abundante? Mas há muito mais rocha podendo ser convertida em 5.17d, do que rocha naturalmente deste grau.

Então, se a sua preocupação é que o futuro escalador de 5.17d não terá rotas suficientes para desafiá-lo, então você deve endossar uma atitude pró-fabricação. Note, este ponto aplica-se a qualquer grau futuro e qualquer futura geração. Embora eu não esteja sugerindo que este é um argumento especialmente bom para a fabricação. Estou afirmando que a preocupação-para-escaladores-do-futuro é um mau argumento para se opor as agarras cavadas.

Finalmente, esta crítica de alteração de rocha é em parte baseada na suposição de que ela é sempre feita para tornar a escalada mais fácil e trazer assim a rocha para a capacidade de um escalador menos competente. Na verdade, há muitas vias onde agarras foram retiradas de uma sequência para torná-la mais difícil. Aqui, novamente, há modificação para além da remoção de material solto, trazendo verdadeiros benefícios, em vez de dificultar a vida dos escaladores de ponta.

**Motivo 4: Este é um terreno escorregadio; qualquer aceitação de produção vai levar a abusos.**

Um argumento final contra a fabricação de agarras (que também é uma preocupação legítima) decorre da idéia de que qualquer tipo de tolerância de fabricação pode levar a todos os tipos de abuso: a destruição de grandes linhas naturais e muito difíceis, ou a alteração das rotas atuais.

O problema com este argumento é que ele não tem nada a ver com a questão. Naturalmente, a maioria das coisas feitas de uma maneira ruim são de fato prejudiciais. Mas isso não tem nada a ver com a adequação da prática feita de forma responsável e boa. Não se pode ter por base um trabalho feito

de maneira errada para julgar toda a proposta. Nota-se que poucas pessoas pensam que a existência de rotas com grameações mal feitas como um exemplo para abolir os grampos. Equipadores de vias que se dedicam a cavar agarras de maneira irresponsável e gratuita aguardam a condenação da comunidade escaladora da mesma forma daqueles que colocam grampos de forma irresponsável e exagerada.

Por isso o meu argumento é uma defesa do tipo limitado de fabricação. Lembre-se que a fabricação de agarras está acontecendo agora em algum lugar do mundo, e a nossa condenação – da maneira como está sendo feita - não impediu que isso acontecesse.

Estes quatro “argumentos padrão” servem para aceitar que fabricação de agarras de uma forma limitada e quando necessária é aceitável (b). A atitude anti-agarras cavadas não está de acordo com outras aceitas pelos escaladores, como a aceitação de modificar a pedra para torná-la escalável. Nossa conclusão (c), a alegação de que a fabricação de segura às vezes é aceitável, é a visão sensata. Deixe-me encerrar por considerar um par de outros pontos.

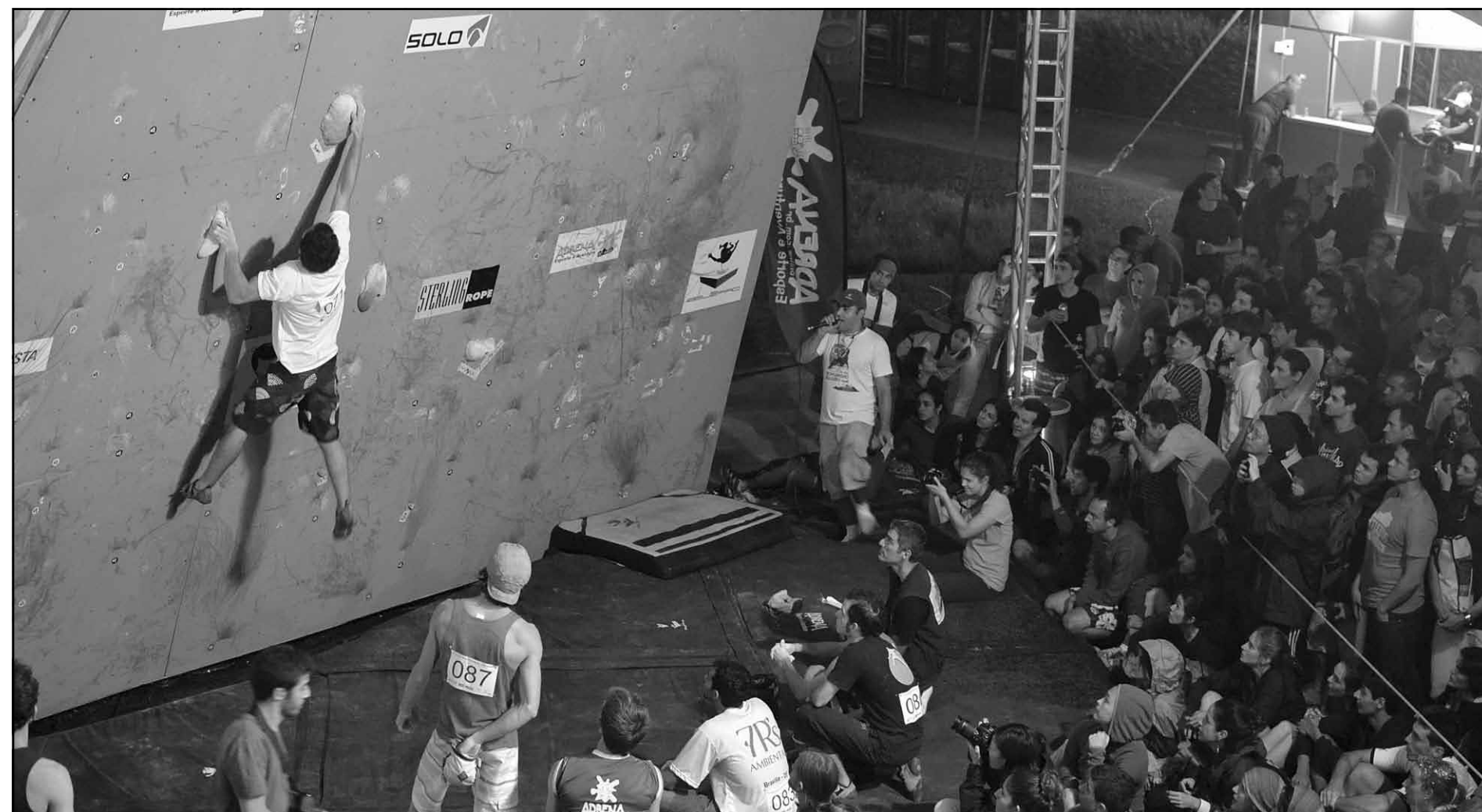
Primeiro, há algum sentido para que uma rota não-natural seja inferior a uma rota completamente natural? Sim, eu acho que, uma escalada puramente natural é geralmente melhor e mais atraente. Tal como acontece com saltos de snowboard, corridas de caiaque, mountain-bike caminhos, e assim por diante, um meio natural em escalada em rocha é superior ao artificial. Mas é importante compreender o sentido em que é superior. Uma rota com agarras fabricadas está em pé de igualdade com aquela que tem, digamos, parafusos mal posicionados ou movimentos estranhos ou dificuldades descontroladamente inconsistentes. Em todos esses casos, não acho que o equipador da rota estava sendo antiético ao estabelecer essa rota. Nós apenas pensamos que a rota tem algumas características que prejudicam sua qualidade global. Esta é a atitude que deve ser aplicada a vias com agarras razoavelmente fabricadas. Meu ponto final é este. Sem dúvida, muitos de vocês estão lendo isso e ficando cada vez mais irritados com a minha defesa das agarras cavadas. Você pode estar pensando: “Algum idiota vai usar isso como uma licença para cavar agarras.” Mas se você pensar reflexivamente que a fabricação é sempre ruim, então você não tem prestado atenção. Dadas as deficiências da perspectiva anti-fabricação, você deveria considerar a possibilidade de que sua visão é mais um viés conservador sem o suporte adequado. Na verdade, dada a forma com que a anti-fabricação é defendida com apelos baseados em nada mais do que tradição, ou que “ele só está errado”, esta visão se assemelha a outras formas de pensamento dogmático.

**Considere isso**

Se você é um escalador sério que sobe vias esportivas relativamente difíceis, há uma boa chance que você tenha feito várias rotas com agarras manufaturadas ou coladas. Além disso, também há uma boa chance de que, apesar da fabricação artificial, subir estas linhas foi gratificante e recompensador. Agora, o que deve ser a atitude apropriada para o equipador da via, que passou o tempo, dinheiro e energia para que você possa ter essa experiência? Será que realmente faz sentido ver este escalador com condenação e desprezo? Isso parece incoerente. Ou é mais sensato, reconhecer que às vezes é aceitável para os equipadores modificarem a rocha para que outros escaladores curtam a experiência que você teve? A última posição, eu curti bem mais, parece muito mais razoável e filosoficamente defensável.

# A Escalada Esportiva em 2012

Uma retrospectiva de 2012 e as expectativas para 2013, pelo hexa campeão brasileiro de Escalada de Dificuldade.



CESAR GROSSO | SP

O ano já passou e com ele muitos campeonatos. 2012 foi um ano marcado pelas competições, eventos, participações e resultados de Brasileiros em campeonatos internacionais. Por um lado, novas etapas, campeonatos e encontros surgiram, por outro, a falta de rankings e campeonatos, que antes eram tão aguardados, cheios e concorridos. Como grande novidade, tivemos pela primeira vez um campeonato Brasileiro de Boulder, com 3 etapas na região sudeste em um muro inédito! A primeira etapa, em Abril, aconteceu durante a primeira semana Brasileira de Montanhismo, na cidade do Rio de Janeiro. A segunda etapa, em Junho, aconteceu em São Bento do Sapucaí - SP e para fechar, a última, em Agosto, na cidade de Belo Horizonte - MG. Todas as três etapas encheram de competidores e público! Com certeza esse evento deu uma injeção de ânimo em todos que, de alguma forma, estão envolvidos com a escalada. Sem sair do Sudoeste, em Pancas - ES, tivemos o 6º Encontro de Escalada Capixaba, organizado pela ACE. O evento também movimentou muitos escaladores de toda a região pelas grandes paredes capixabas. Indo pouco mais ao Nordeste, não poderia passar batido todo o movimento montanhista da Escalada Nordeste, que talvez seja a região onde a escalada mais cresce no Brasil. Tive o privilégio de participar pelo XI Encontro de Escalada Nordeste, e ver de perto como a escalada do sertão e da caatinga é desenvolvida! Muitos points, novas vias e eventos sempre acontecendo! Campeonato Potiguar de Escalada (Copa RN de Escalada), Cam-

peonato Cearense de Escalada, que é muito bem organizado e já tradicional na região e até um Campeonato realizado pela ASPER (Associação Pernambucana de Escalada em Rocha), de escalada competitiva de vias longas! Claro que em cada um desses eventos, foram escaladores de toda a região e cada evento fazendo mais pessoas olharem para o nosso esporte, mais escaladores melhorando seu nível e mais escaladores juntos, trocando informações e experiências! A região da Capital Federal também teve seu campeonato. A AEP (Associação de Escalada do Planalto Central) organizou duas etapas do Campeonato de Boulder do Planalto Central, que também reuniu escaladores de toda a região, que inclusive vem mandando mais de seus representantes em campeonatos nacionais e internacionais. Mas não só campeonatos o Planalto Central vem realizando. Encontros de escalada, como o Rockal, que este ano teve sua terceira edição com centenas de escaladores, mostra que por lá a escalada também está crescendo. A região Sul também teve seus eventos, como o 3º Festival de Escalada de Lagunas que reuniu muitos escaladores gaúchos, catarinenses e paranaenses para diversas atividades, como escalada em móvel, boulders e palestras. Assim como o 13º Encontro de Escalada de Londrina, na Serra do Cadeado. Outro evento de escalada também movimentou a galera forte em um festival de boulder no ginásio de escalada V10, em Caxias do Sul. Mas este ano não tivemos nenhum campeonato oficial em nenhum estado Sulista. Quem

sabe ano que vem! Unindo toda essa galera, centenas de escaladores e competidores, toda essa pilha, nesse imenso país, tivemos apenas uma etapa do Campeonato Brasileiro de Escalada. Que pelo terceiro ano consecutivo é realizado na academia Rokaz, em Belo Horizonte. Com excelentes vias abertas, mais uma vez, pelo André Berezoski, o Belé. Esperamos que ano que vem tenham também mais etapas do Brasileiro de via. Saindo do Brasil, já em março, tivemos o V Master The North Face, em Santiago do Chile. Um open latino-americano de boulder muito bem organizado. Um campeonato já tradicional e aguardado para nós brasileiros, que sempre estamos presentes, desde 2008. Este ano, o campeonato contou com escaladores de 12 países, entre eles o convidado especial Yuji Hiraiama. Fomos em 6 escaladores e representamos bem, com brasileiros no pódio masculino e feminino! Este é um campeonato que, quem puder, vale muito a pena ir competir, alto nível de escalada e principalmente de organização, em março de 2013 tem mais! Em setembro estivemos em Paris, o XIII Campeonato Mundial. Campeonato que tradicionalmente acontece a cada 2 anos, oficialmente desde 1989 e é organizado pelo IFSC (International Federation of Sport Climbing). Este ano, foi o primeiro ano consecutivo que aconteceu o campeonato. Ano passado rolou o mundial em Arco (ITA). Isso para ter um grande evento oficial do IFSC, frente ao ano de auditoria do COI (Comitê Olímpico Internacional), em outras palavras, para mostrar ao

COI a grandiosidade que é nosso esporte e sua competição. Pois bem, fomos representados, alias, muitíssimo bem representados por Thais Makino no Boulders, Janine Cardoso em via e Rafael Nishimura no Paraclimb. Este foi o ano de estreia do Raphael que nos deu nada mais, nada menos que o Vice - Campeonato Mundial! Grande presente pra ele e pra todos nós! Esperamos que com essa grande conquista do Raphael a escalada cresça como um todo. Como o próprio Raphael disse, "Espero que esse feito traga mais apoio e patrocínio para o esporte se desenvolver." O Mundial de Escalada sempre vem para nos motivar, discutir e ressurgir a velha pergunta que sempre nos perseguirá: "O que nos falta para o Brasil ser um país com a escalada mais desenvolvida? Faltam muros? Equipamentos? Points? Eventos? Investidores? Mídia?" A resposta não é fácil nem objetiva e nem mesmo teremos uma mudança de um ano para o outro. Nos Campeonatos de vias e festivais de Boulder de 1998 a 2003 tínhamos centenas de escaladores de todo o país, tínhamos mais academias de escalada no Brasil, tínhamos muito mais eventos, campeonatos e encontros. Os campeonatos já foram transmitidos ao vivo na Integra pela Rede Globo, Record, etc. Tínhamos muitos escaladores que ganhavam até 7 salários mínimos mensais somente para escalar! Tínhamos 6 bons ginásios só em São Paulo, hoje temos 2. Muitas coisas influenciaram toda essa mudança no cenário da escalada, internet e toda a

acessibilidade a informação. A crise econômica e de todo o mercado de aventura que tinha grande parte de seus equipamentos importados, tiveram que fechar as portas. Muita gente simplesmente parou de escalar, ginásios fecharam, lojas fecharam, patrocínios foram cortados, nossa mídia específica faliu, etc. Mas o pior já passou? Sim, com certeza, a escalada vem em ascensão novamente. Cada quesito se revertendo. Acredito que a melhora vem com planejamento. Federações estaduais de escalada esportiva vem sendo criadas e organizando campeonatos e encontros. Marcas chegando, lojas, ginásios, mídia, patrocínios. A atual economia respira bem melhor também! Além de tudo isso, uma grande expectativa é que a escalada se torne um esporte olímpico. Ai sim, se isso acontecer (que existem grandes chances de acontecer), teremos apoio do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), e a escalada poderá chegar ao nível que sempre desejamos! Falando sobre olimpíadas e escalada, nos resta aguardar a decisão do COI sobre o esporte a ser incluído em 2020, e segundo o IFSC, o COI teve uma boa impressão do nosso esporte e está na frente de muitos outros concorrentes em vários quesitos, como número de federações no mundo, número de competidores em mundiais (várias centenas), já

temos mundiais para-olímpicos, um programa anti-doping exemplar (na Europa), enfim, o anúncio do COI vem em Setembro de 2013. Mas de nada vale tudo isso se não investirmos nas futuras gerações. É nela que está o potencial, não só formar uma base de escaladores fortes, mas principalmente de escaladores conscientes de todo o movimento da escalada, sua cultura e sua história. Uma geração fortalece a outra. Nenhum espanhol, francês ou austríaco monstro de hoje em dia, ficou forte do nada, escalam desde criança e, principalmente, tem toda uma forte história por trás da escalada em seu país e seu continente, vejo que isso, aqui, ainda é uma barreira, um tabu, pois não são todos que vêm a escalada daqui a alguns anos com outras gerações. Em São Paulo, existe a mais de 10 anos o campeonato escolar, com crianças de 3 a 16 anos que tem em sua escola ou clube um muro de escalada, está é uma excelente forma de incentivar, difundir e caçar novos talentos! Enfim, a escalada esportiva de competição move muito! Desde internamente a cada um, até toda uma história evolutiva e cultural em seu país. Como já dito, ano que vem será recheado de campeonatos! E você, já viu de quais campeonatos vai participar?



Podio feminino do Campeonato Brasileiro de Escalada.

Quantas vezes você passou pela situação de procurar aquela mochila super bacana ou um saco de dormir da Deuter e não achou?

Agora, toda a linha Deuter disponível no Brasil pode ser encontrada facilmente pelo consumidor brasileiro nas Lojas Master!

Encontre a Loja Master mais próxima e fique por dentro das novidades da Deuter!

Loja Master  
MASTER RETAILER

www.deuter.com.br

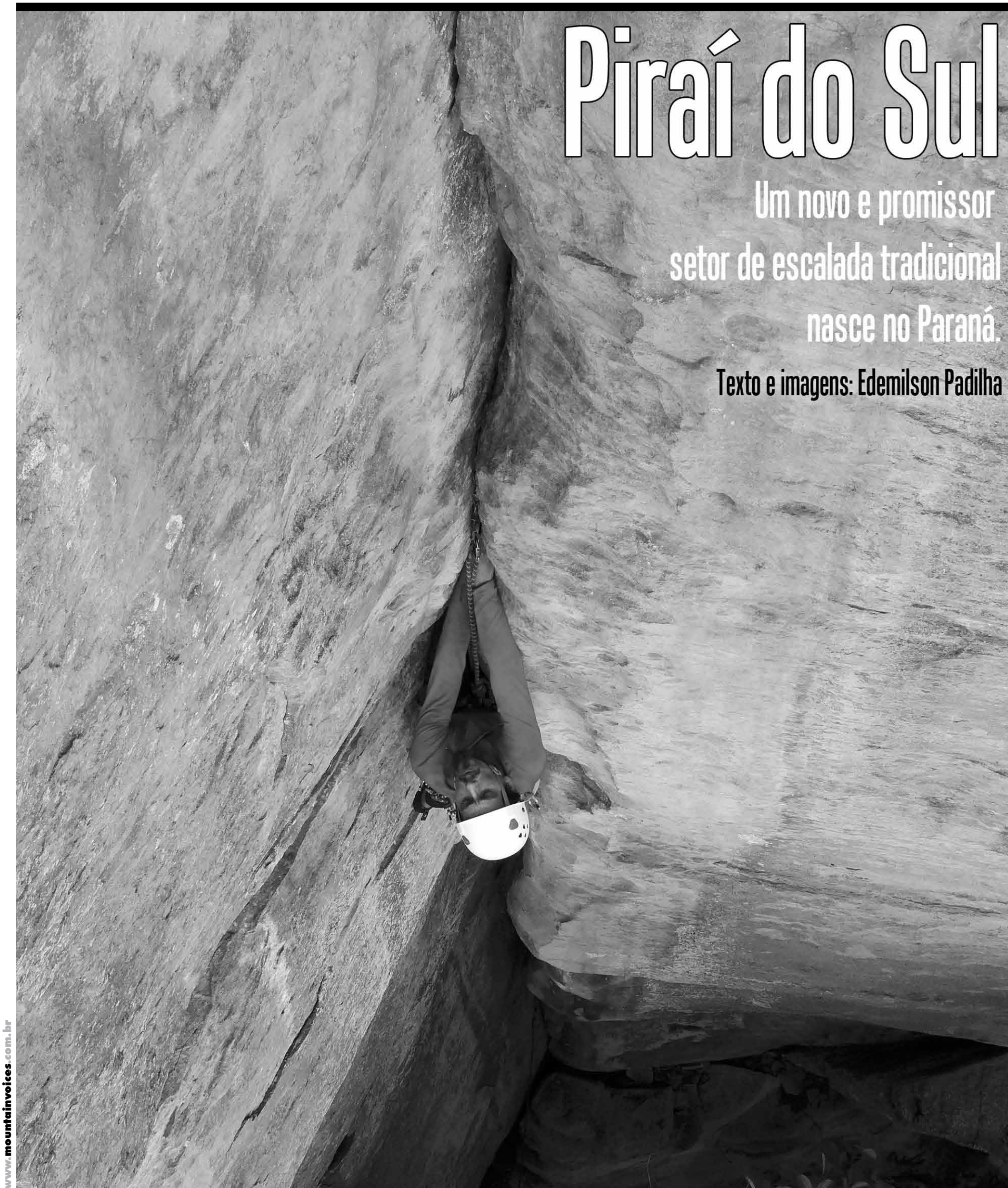
Eduardo Barão na Hard's da resistência (da Fh) Imagem: Eusebio

www.mountainvoices.com.br

# Piraiá do Sul

Um novo e promissor  
setor de escalada tradicional  
nasce no Paraná.

Texto e imagens: Edemilson Padilha



Nossas buscas por paredes, na maioria das vezes, acabam em matagal, rocha cheia de mato e alguém se desculpando, falando que visto de longe parecia legal. Já estamos acostumados a dar com os burros n'água, ou melhor, dar com os burros em alguma parede horrível, no meio de algum fim de mundo. Mas em Piraiá do Sul, a história foi muito diferente.

Tínhamos bons informantes, que já haviam estado no local, e que inclusive haviam começado a abertura de uma via. Eram o Eros, de Piraiá e o Melchiori, de Castro. Partimos numa manhã ensolarada de Curitiba, seguindo pela boa estrada de pista dupla e pedágio caro. São 188 quilômetros que separam a capital da cidade de Piraiá do Sul, passando por Ponta Grossa. Lá chegando, fomos "obrigados" a tomar um belo café da manhã na casa do Eros antes de enfrentar os 12 km de estrada de terra para chegar ao Morro do Corpo Seco. Na maior parte do tempo uma estrada em bom estado de conservação, que nos levou diretamente aos pés de um morro incrível. Nós nunca tínhamos visto nada parecido, pois era uma montanha. Sempre escalamos em escarpas. Ou seja, chegamos por cima, descemos e depois tornamos a subir pela parede. Agora chegáramos a um morro, e o melhor - rodeado de paredes intocadas e completamente limpas. Subimos uns intermináveis 5 minutos pelo pasto para ter uma surpresa ainda maior: as fissuras mais perfeitas que já víamos visto. Ficamos com cara de bobos, pois não tínhamos botado fé no que os caras de lá falavam, e fomos postergando nossa ida. E agora estávamos ali de frente para um setor que poderia conter o melhor da escalada tradicional do estado!

Todavia, não é só de contemplação que se fazem os montanhistas. Precisamos de ação. E lá foi o Willian Lacerda, de Ponta Grossa, armado até os dentes para abrir a primeira via. Ali ficamos na expectativa para saber se a rocha era tão boa quanto parecia vista de baixo. Proteção após proteção, ele nos foi dando o status de cada peça colocada. O resultado não podia ser melhor: rocha de excelente qualidade, perfeita para escalar em móvel! Neste mesmo dia abrimos 3 vias e já visualizamos mais uma porção de fendas alucinantes.

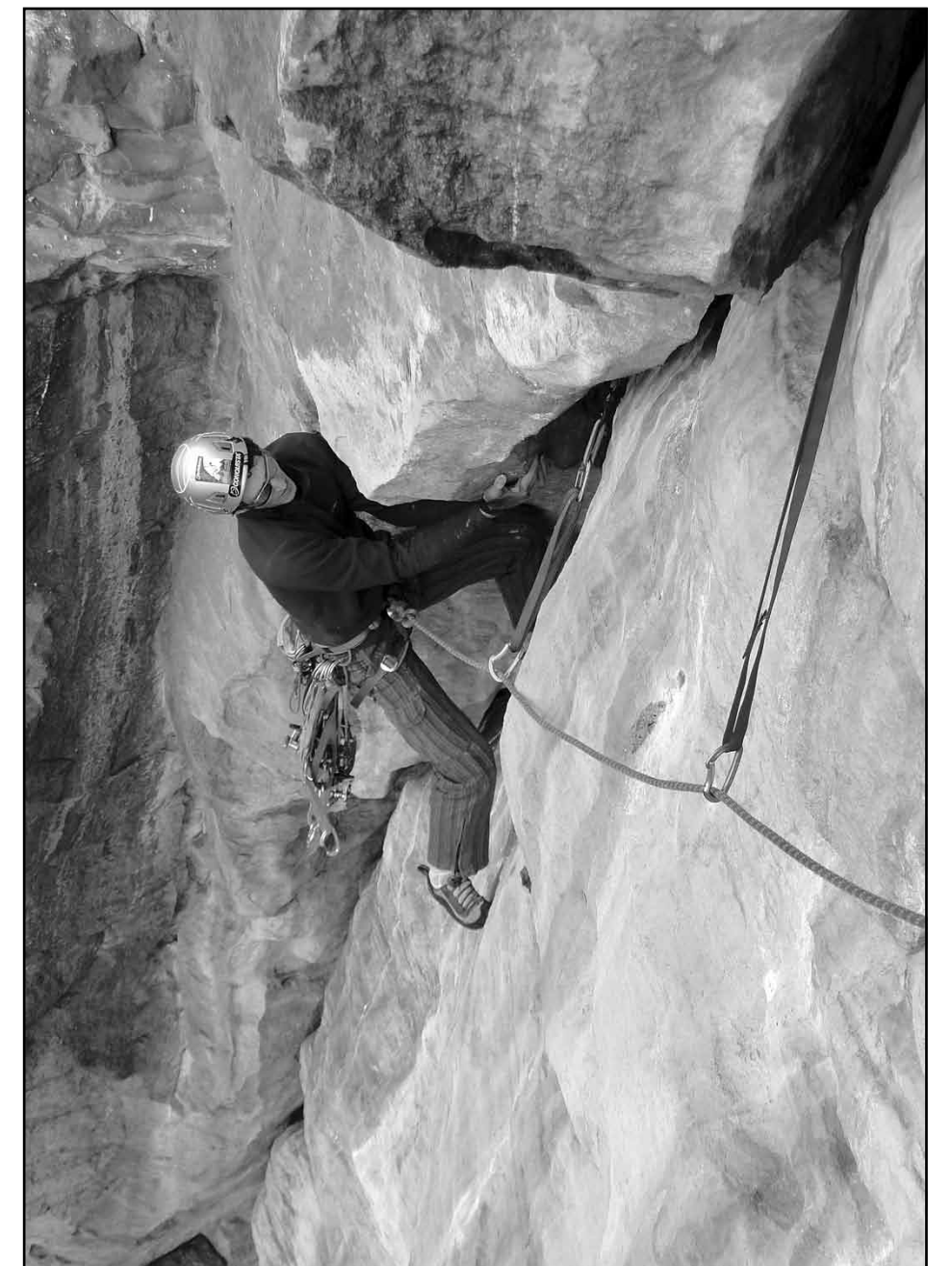
Com o tempo fomos nos familiarizando com o tipo da escalada do *Setor do Corpo Seco*. Fendas de alto nível e esportivas duras. E também, abelhas nervosas. Isso mesmo, abelhas, inclusive que moram em algumas das mais belas fissuras do local. O seu Adão, que é o proprietário, mantém algumas caixas de abelha próximas às paredes. E isso às vezes pode gerar algum problema. A via *Doce Veneno 8a*, de fendas perfeitas, tem esse nome porque um dia fomos atacados pelas famigeradas, após alguém desavi-

sado matar uma delas. Elas ficaram doídas, tive de descer de um stopper, enquanto éramos trucidados. Saímos correndo e tivemos de fazer várias viagens para buscar os equipamentos, sempre sob fogo inimigo. No final conseguimos escapar, e depois de tomarmos algumas doses de anti-histamínico, tivemos a honra de desbravar a *Doce Veneno*, uma das imperdíveis do setor. Uma fenda perfeita em forma de arco, com uns 25 metros de extensão. Mas o que nos deixou meio assustados foi a fissura que havia exatamente no rapel da *Doce Veneno*. Fissura rasa, difícil de escalar e de proteger. Um corte perfeito na pedra, reto e amendrontador. Nome: *Highway to Hell*. Tivemos de colocar a corda de top e malhar a via. Ou melhor, levar uma surra da via. Não seria desta vez. Mais à direita saiu uma outra via, a *No Bico do Corvo*, graduada em 9a/b. FA (first ascent) do Val (Valdesir Machado). E depois também encadenada pelo Alessandro Haiduke e pelo Elcio Muliki. Deixamos a famigerada *Highway to Hell* de lado um pouco.

Contudo, depois de alguns meses de conquistas, já estávamos com uma quantidade grande vias em Piraiá do Sul, aproximadamente 70; muitas fissuras de 7º e 8º graus, e tivemos de voltar ao antigo problema: a *Highway to Hell*. Pela experiência adquirida nos últimos meses, parecia que a poderíamos encadenar. Lá se foram finais de semana, lá se foram as pontas dos dedos, e por último, foi também embora a nossa autoestima. Por mais que ensaiássemos os movimentos, ela sempre nos guardava alguma surpresa. No auge da disputa o Alessandro e o Val pareciam mais próximos do FA, mas os primeiros metros da via são extenuantes, e parar para colocar as peças é muito desgastante. Sem falar no psicológico, pois são raros os pontos de proteger e nem sempre 100% confiáveis. O desafio está lá, possível 9c móvel, "de resposta", podendo ser a via tradicional mais dura do Brasil! Estamos treinando para poder ultrapassar este limite. Piraiá é isso aí! Vias lindas, insetos nervosos. Já fui picado por abelhas, marimbondos, vespas e até escorpião. Mas sempre digo que vale o sofrimento. As linhas são incríveis e o potencial é gigantesco. Tem muita pedra em volta e os fazendeiros são bem receptivos. O Seu Adão, que é proprietário do Morro do Corpo Seco, cobra R\$5,00 por pessoa por dia para escalar e pede para assinar um termo de responsabilidade e não mexer com as abelhas. Isso acho que ninguém vai fazer, não é?

Edemilson Padilha, escalador desde 1990. Patrocinado Conquista, Território, Snake e 4 Climb.

Mais informações (como chegar, croqui) no site: [conquistamontanhismo.com.br](http://conquistamontanhismo.com.br)



◀ Elcio Muliki na via *História Sem Fim 8c*  
▶ Willian Lacerda na via *Doce Veneno 8a*



# Carin Marchiorato

e o primeiro  
VIO feminino do Brasil

Conheça nesta entrevista, um pouco sobre a paranaense que mandou até agora, o boulder mais difícil já encadenado por uma mulher brasileira.



Na compra  
de um produto  
BASE BRASIL  
NAS LOJAS CREDENCIADAS  
CONCORRA Á

**BASE**  
BRASIL

EM PRODUTOS  
DA MARCA

R\$ 500,00

www.mountainvoices.com.br

## Carin, fale sobre sua iniciação à escalada e os estilos que mais lhe agradam.

Tive meu primeiro contato com a escalada há cerca de 7 anos, no Morro do Anhangava – PR, tendo sido influenciada por amigos que se tornaram referências para mim como escaladora. Em uma das minhas primeiras idas ao Anhangava, fiquei encantada ao ver uma mulher escalar no setor Caverninhas, o modo como ela escalava, com força e leveza, me tocou profundamente, me passou uma energia boa e uma vontade imensa de escalar. Quando ela desceu perguntei seu nome; era a Roberta Nunes, nossa querida “Robertinha” que já não está entre nós, mas sempre será minha referência de escalada feminina no Brasil, determinada e muito guerreira; naquele momento eu havia sido “picada pelo bicho da escalada”, como chamamos. O Paraná além de ter uma enorme tradição na escalada/montanhismo, possui também grandes escaladores de referência nacional, não posso deixar de citar alguns nomes como Diogo Ratachesk, Carlos Michel, André Berezowski, entre outros, que sempre foram fonte de inspiração para minha escalada. Pude experimentar algumas modalidades de escalada como a esportiva e a tradicional, porém minha paixão mesmo é o “boulder”, me sinto muito a vontade nos blocos, onde rola uma sintonia perfeita e me entrego de corpo e alma em toda minha escalada.

## Fala sobre você e sua rotina.

Gosto de levar uma vida tranquila, de preferência longe dos agitos de grandes cidades. Moro próximo à Serra do Mar na região metropolitana de Curitiba e trabalho em uma loja de equipamentos de aventura. Faço faculdade de Geografia, e tento conciliar tra-

balho, estudos, família, amigos e escalada, o que acaba me tomando bastante tempo.

## Quais os lugares mais marcantes que você já escalou?

Bem, adoro as escaladas do Paraná, muita variedade de rocha e estilos diferentes, setores de boulder como Caiobá e Morro do Anhangava dispensam qualquer comentário. Mas tive a oportunidade de sair viajar só para escalar, e conhecer os principais setores de boulder do Brasil. Entre eles posso destacar Ubatuba, São Bento do Sapucaí, Chapada Diamantina, Cocalzinho, São Thomé das Letras, Florianópolis, setores que me deram muita base e me presentearam com lindas e difíceis “cadenas”.

No primeiro semestre desse ano me dediquei um pouco mais à escalada esportiva e conheci setores incríveis como Gruta da Terceira Légua, Salto Ventoso e Cotiporã no RS e também Corupá em SC. Mas acabei me dedicando novamente para os boulders.

## Como é seu treino?

Não tenho muito tempo disponível como comentei anteriormente, então acabo não seguindo uma rotina de treino adequada. O que eventualmente faço, são alguns exercícios específicos no finger board, e quando consigo uma folga da faculdade vou na Caverna – Ginásio de Escalada (o qual tenho apoio) fazer boulders com os amigos. Como moro próximo ao Anhangava, consigo durante a semana sair de manhã para umas escaladas rápidas na rocha, e nos finais de semana para algum pico diferente.

## Você fez um treino específico para a cadeia do Melhor Deixe?

Não fiz nenhum treino específico, na verdade ele saiu tão rápido que demorou para “cair a ficha”. Eu estava procurando um projeto novo para me motivar, e como já havia tentado há alguns anos atrás, resolvi me dedicar a ele. Tive a ajuda do Israel Menegon (Leco) meu companheiro que me ajudou muito a evoluir no boulder e de minha amiga e também forte escaladora Flora Kesselring Zugaib, que me mostrou alguns “betas” preciosos e me incentivou bastante.

## O que te motiva?

Pergunta difícil, mas acho que a paixão pelo esporte e tudo o que ele me agrega talvez sejam os principais fatores. O contato com a natureza, ir a lugares em que poucos têm acesso, os amigos, a energia que transcende o nosso próprio ego, enfim, é todo um “leque” de coisas boas agregadas e cada fator tem seu papel fundamental para que continuemos motivados.

## O que as pessoas devem procurar na escalada?

A escalada é algo que vai muito além de um simples esporte. Ela mexe com nossas emoções, desafia nossa mente nos colocando em prova o tempo todo, é um incessante trabalho de superação pessoal que nos permite ser pessoas cada vez melhores. Muitas coisas podem ser conquistadas com a escalada, cada pessoa fará sua procura de acordo com sua necessidade, mas uma certeza é que todos irão encontrar um pouco mais de si mesmos, se sentirão mais vivos e passarão a ter dias mais felizes.

Apoio: Caverna Ginásio de Escalada, Território mountain shop, Conquista Montanhismo

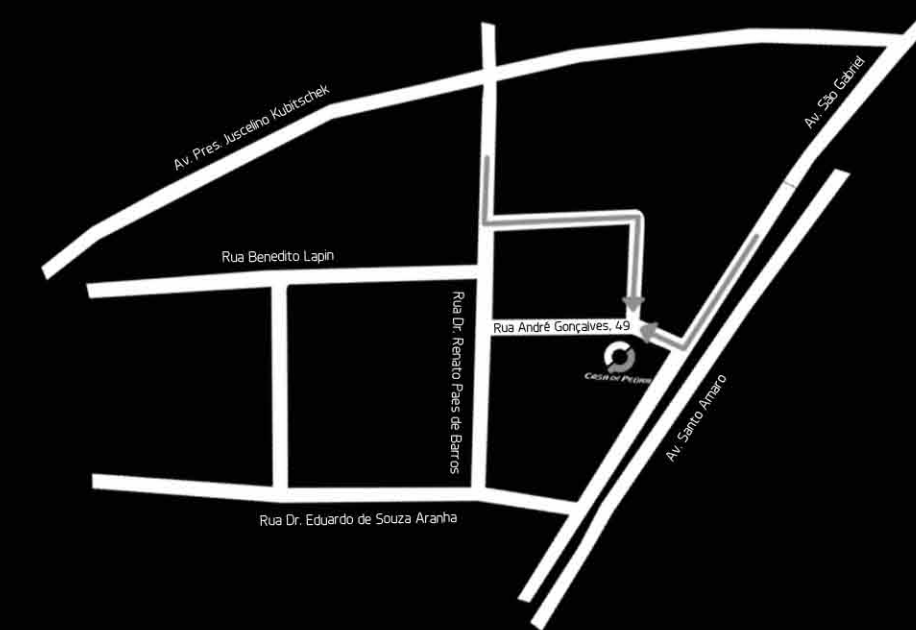
# CASA DE PEDRA



Venha conhecer a nova Casa de Pedra Concept Store Itaim



Um novo espaço, com as melhores marcas e atendimento personalizado que só uma loja com alma de montanha pode oferecer.



Rua André Gonçalves, 49 Itaim Bibi São Paulo [www.casadepedra.com.br](http://www.casadepedra.com.br) Fone: 11 3047 2494

# Montanhas, Minas e Meninas

FERNANDA ROCHA | MG

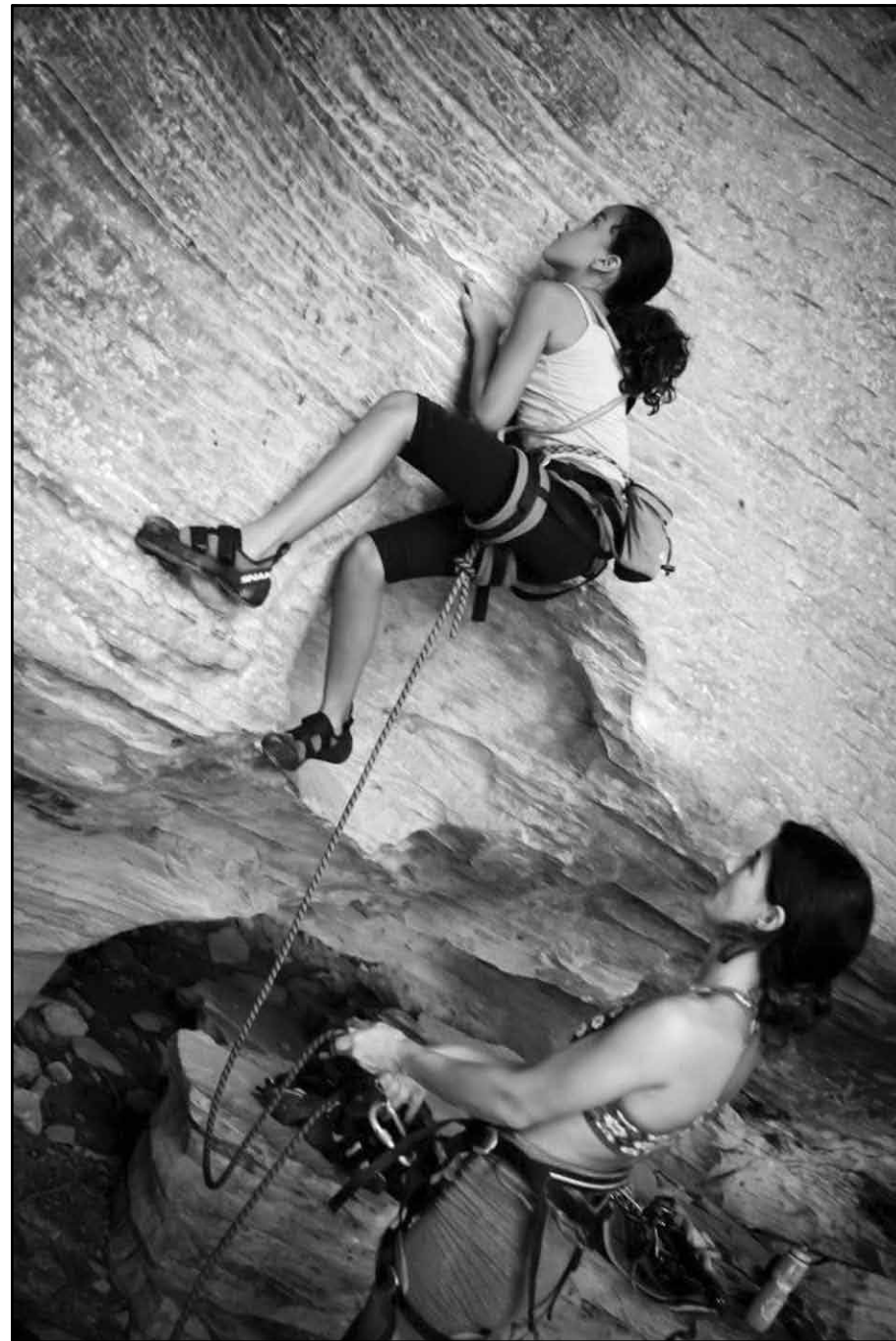
Escalar, desde o primeiro contato, sempre foi uma forma intensa e mística de relação com a natureza, um mundo novo e profundo a se desvendar. Atividade apaixonante, envolvente, instigante.

Num segundo instante me interessei pelo esporte em si, fazer força, cuidar da alimentação, ganhar resistência, enfim, praticar uma atividade física e mental com dedicação superior. E ainda, acima de tudo, a escalada viria a me proporcionar passar longos dias nas montanhas, aquelas que eu amava desenhar na infância. Uma oportunidade para viver e caminhar na vertical, enfrentando todas as adversidades, superando muitas vezes sozinha, os desafios impostos, contando apenas com a "sorte" e sabedoria do espírito. Mas como é esplêndido ver todo o dia passar aos seus olhos, do nascer ao pôr do sol. Às vezes o aparecer misterioso da lua, somado ao imaginário universo da montanha, nunca houve até então para mim, nada mais fascinador. Vários momentos que nunca mais me abandonarão, ainda que passem os anos. Nascida em um estado promissor, aproveitando bem cada pedra virgem de Minas Gerais, conquistei algumas vias esportivas e vias de parede. Não me apego a números e nem mesmo acho importante, me apego aos fatos, emoções vividas, amizades formadas, goles de água e adrenalina

dividida. Nem sempre 100 % preparada, isso faz de algumas conquistas não melhores, mas talvez mais inesquecíveis, Carrapatos me mordam, por exemplo, uma via com início de 8b, mesclando com passagens de sétimo e quinto grau, mista, 100m, na região de Governador Valadares e muito carrapato na base. Também deixei minha marca na Pedra do Ibituruna, em Governador Valadares, onde bati na marreta meu primeiro furo de Cliff e depois dependurada nele, meu primeiro grampo, tudo feito à mão, me deixando extremamente exaurida e feliz. A participação da conquista da via Chá Macrobiótico na cachoeira do Tabuleiro foi também uma importante conquista pessoal. Sempre mais preocupada que as marcas de uma conquista estivessem em mim do que com as marcas que deixei nas rochas, afinal a preservação sempre foi parte forte da minha personalidade, assim como o gosto pela aventura.

A repetição da Bodífera Ilha na Pedra Riscada também foi marcante, porque em seguida resolvi guiá-la sozinha, 1500m de via, coisas que não sabemos ao certo porque fazemos e como conseguimos, ficando apenas o estado de gratidão.

E Minas Gerais continua se destacando com um crescente número de escaladoras, uma considerável quantidade de ro-



chas, trazendo constante evolução para o esporte.

Dando aulas de escalada, onde vários alunos eram crianças, dentre as crianças, meninas, pude ver o quanto temos promessas para o futuro, meninas de sete anos, dez anos, escalando maravilhosamente, de forma sagaz e com perfeição, fica claro que está faltando maior incentivo ao esporte, principalmente investir em crianças. Coloquei uma aluna de nove anos para guiar uma via de quarto grau e fui acompanhando através de uma corda fixa e um jumbar, me perguntava o tempo todo, com quem ela aprendeu? Como pode movimentos tão precisos? Uma total ausência de medo, sempre trabalhando os pés da maneira correta. O que um adulto muitas vezes tem dificuldade para aprender, como passar a corda na costura, ela aprendeu praticamente sozinha, dominando bem costurar para os dois lados. Em seguida coloquei para guiar uma

via de quinto, dessa vez ela foi sozinha, eu suava em baixo, ela sem cometer erros ganhava altura, e eu ia ficando pequena para ela e cada vez mais orgulhosa. Em seguida guiou um sexto grau, com um pouco mais de dificuldade, mas ainda sim de forma surpreendente, prova de que o cenário mineiro tem um potencial promissor, muitas falésias, ainda que se diga que não temos montanhas no Brasil, em Minas existem muitas, enfeitando o estado e sendo caminho para que futuras escaladoras possam praticar o esporte usufruindo de pleno contato natural, podendo apreciar paisagens ainda muito preservadas, um estado que se mantém verde, agradável, e que assim seja, que essa futura geração possa escalar cada vez melhor em ambientes preservados, essa é a verdadeira evolução e a escalada é um belo caminho para isso quando praticado em verdadeira comunhão.

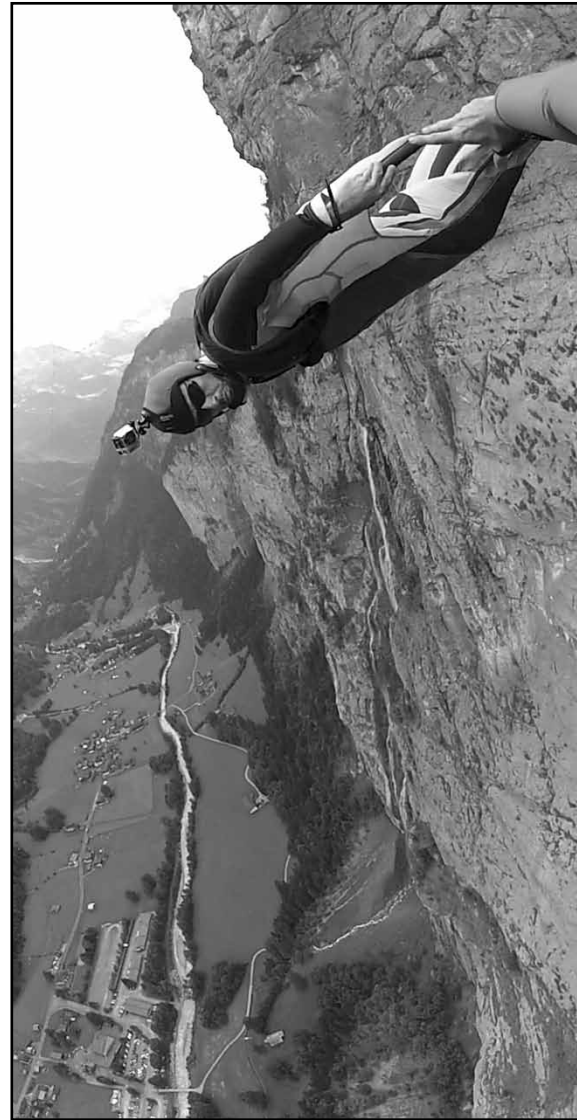
# Base Jump

RICARDO COKÃO | MG

Desde os primeiros saltos, no início da década de 80, o base jump esteve relacionado com a montanha. Alguns paraquedistas, buscando novos limites, adaptaram seus paraquedas específicos para saltos de aeronave para saltarem de objetos à baixa altura, como prédios, pontes e montanhas. A prática dessa nova modalidade, mesmo com a dificuldade de comunicação naquela época, foi surgindo concomitantemente na América do Norte e Europa, sendo Yosemite, nos Estados Unidos e Trollveggen, na Noruega, o palco perfeito para essa atividade.

Com a procura cada vez maior pela modalidade, o base jump evoluiu, surgindo fabricantes especializados e elevando o nível do esporte e, na busca por novos penhascos, além de longas e pesadas caminhadas em montanhas, muitas vezes era necessário escalar para atingir o ponto de saída ideal para o salto, nascendo ali a modalidade BASE Climbing, que é a junção da escalada com o base jump.

O BASE Climbing ainda é praticado por poucos atletas, justamente por exigir habilidades em duas modalidades, a escalada e o base jump. Na Europa é mais comum sua prática bem como têm-se visto expedições para lugares mais remotos que requer escalada para conseguir atingir o ponto do salto, como por exemplo, em Trango Tower, Cerro Torre, Ártico e Antártica dentre outros. No Brasil, que conta hoje com cerca de 60 praticantes de base jump, tem um pico que só é possível saltar dele escalando, o famosos Dedo de Deus, no Rio de Janeiro. Até hoje, pelo menos 5 atletas já saltaram dele, um gringo e quatro brasileiros. Um fato interessante no Brasil é que em lugares já consagrados para a prática do base jump, o ponto do salto, acessado por trilhas, se dá justamente em cima de vias de escalada como na Pedra do Fritz, Pedra da



Gávea, Pedra do Baú, Cachoeira do Tabuleiro etc. Existe ainda uma variante dessa modalidade que é o chamado Free Base, ou seja, escalada solo com um paraquedas nas costas. Existe pelo menos dois praticantes dessa modalidade no mundo, o pioneiro Dean Potter e Carlos Suarez. Nesse caso, além do peso extra para o escalador, cerca de 4 quilos, o paraquedas, em caso de queda do atleta (embora a finalidade do uso do paraquedas é apenas saltar quando atingido o cume), só seria útil se o escalador estivesse a uma altura segura, cerca de 250 metros, para conseguir se afastar da parede, entrar em uma posição adequada e acionar o paraquedas.

O Brasil tem potencial para o base climbing, pois existe muitos picos para serem explorados e que o acesso só é possível através da escalada propriamente dita. Alguns dos base jumpers brasileiros são escaladores e muitos dos que procuram e têm-se iniciado no base jump são montanhistas, praticam escalada. Assim, o BASE Climbing no nosso país é uma modalidade promissora num futuro próximo.



RUY FERNANDES | SP

Considero que o Base brasileiro encontra-se numa fase embrionária avançada. Temos pouco mais de 60 atletas ativos no país, porém em contato próximo uns dos outros, o que facilita o alinhamento de pensamentos e comportamentos.

Por ter sido escalador antes de Base Jumper e conhecer os nossos problemas de montanhas, tento sempre conciliar os dois esportes da melhor forma possível.

Temos no país um potencial enorme de falésias saltáveis que, com o advento da utilização de wingsuits, o leque de opções fica ainda maior.

Apesar da nossa presença nas montanhas ser ainda pouco notada pela pequena incidência, creio ser de suma importância a interação entre os esportes de forma que o Base Jump não seja encarado como nocivo para o ambiente.

O desconhecimento das práticas legais e construtivas do montanhismo são facilmente negligenciadas pelo praticante de Base por mero desconhecimento ou pouca profundidade no assunto.

As atitudes de mínimo impacto podem ser desprezadas pelo praticante que desconhece os danos a longo/médio prazo de bater grampos, chapeletas, fixar plataformas, cavar agarras, duplicar proteções ou até mesmo desmatar pequenas áreas para garantir acesso, segurança ou simplesmente o conforto num exit point.

Coisas que arrepiam os montanhistas e são invisíveis aos olhos dos Basers por ignorância (no sentido de desconhecimento), podem ocorrer e serem notadas tardiamente, levando as consequências a níveis pouco toleráveis.

Muitas vezes temos de rapelar para acessar um Xpoint e normalmente é solicitada a ajuda de um escalador local, diminuindo o problema. Embora seja comum, esta atitude não é um padrão, mas pode ser adotada facilmente como.

Tenho saltado em lugares no exterior e percebo que mesmo em países onde a prática é grande, não existe a fusão plena entre os esportes, o que acredito será conflitante mais cedo ou mais tarde. Tendo isto em mente acredito que a melhor hora de trabalharmos este assunto aqui no Brasil, é neste início do desenvolvimento do Base. Sairemos na frente e poderemos colaborar com os outros países onde fatalmente o problema virá a tona. Saltamos hoje em locais onde não há legislação específica, sendo difícil a negociação para os saltos. Parques nacionais têm posturas que variam conforme o bom senso (ou não) de pessoas, entidades, administrações ou até mesmo de guarda-parques, gerando discussões infrutíferas e flutuantes. Normalmente saltamos.

Saltamos na Mantiqueira, Serra do Mar, Cânions, Chapadas, Serra dos Órgãos, pedreiras, cachoeiras, etc., onde somos muito bem recebidos pela comunidade local, porém sem nenhuma legalidade. Encapsular o Base como prática de montanha pode ser um caminho saudável já que todos os montanhistas têm um consenso e se beneficiam das normas já criadas. Os primeiros passos para isto podem ser dados de forma isolada e ser disseminado rapidamente através de seminários, palestras, encontros e eventos em locais pontuais. Temos muito a ouvir e a transmitir. Quem ganha com isto é, principalmente, a montanha e consequentemente os esportes e seus praticantes.

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

- Ambiente descontraído
- Assistência personalizada
- Suporte técnico
- As melhores marcas

**BIVAK** OUTFITTER

e-commerce: [www.bivak.com.br](http://www.bivak.com.br)

11 2308 6995  
Rua Caramuru, 523  
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

evolv.com.br

Sapatilhas de Escalada Evolv  
Os melhores usam...

evolv

www.mountaininveices.com.br



# Morro dos Três Picos

## Itatiaia - RJ



BELAS PEDRAS L

Começo agora uma série de artigos sobre a região de Itatiaia, onde fica nosso primeiro Parque Nacional. O Morro dos Três Picos é a única montanha diretamente acessível pela parte baixa do Parque. Será uma caminhada relativamente difícil, mas compensadora pelas belas vistas do Vale do Paraíba e pela floresta exuberante que irá acompanhá-lo todo o tempo. Como vêm pela numeração, esta foi a 50ª montanha da série Belas Pedras, iniciada quase 20 anos atrás na edição 22 deste jornal, que então custava CR\$ 1.500.

### A História

O Parque Nacional do Itatiaia apresenta duas partes muito diferentes, chamadas de alta e baixa. Os montanhistas leitores do MV certamente freqüentam a alta, mas pelo menos no meu caso foi a baixa que conheci primeiro, e ela tem seus encantos. Só foi completamente integrada ao PNI em 1982, quando o Parque foi ampliado, e apresenta os mesmos problemas fundiários da parte mais antiga.

A região baixa é coberta pela Mata Atlântica e apresenta belas cachoeiras, pertencentes à bacia do Rio Campo Belo, que você cruzará logo antes da entrada do Parque. Sua altitude é moderada, oscilando no entorno dos 1.000 metros. É conhecida pela variedade da fauna e exuberância da flora.

Foi nesta região que o Governo Federal encampou no início do século XX um malogrado projeto de colonização para europeus. Dele resultou a instalação de uma Estação Biológica, que foi o embrião do Parque, fundado dez anos depois. Este ano, o Parque completa 75 anos de história. Na próxima edição, farei em maiores detalhes do PNI.

### O Acesso

Chegar à parte baixa do PNI é fácil, pois seu acesso é pela cidade de Itatiaia, às margens da Via Dutra. A portaria está a cerca de 5 km da cidade e a estrada do Parque avança por mais 11 km, até

terminar na Ponte do Maromba - onde também termina uma trilha muito especial, que será motivo do meu próximo artigo.

Como a implantação desta parte do Parque foi tardia, existem no seu interior vários hotéis, que podem tornar mais agradável a sua estadia. Estes locais têm alguns detalhes em comum: são caros (devido à sua localização exclusiva), antigos (há quase 30 anos nada de privado se constrói lá) e precários (devido à dificuldade de conservação imposta pelo IBAMA).

Mas você também pode ficar nas imediações, seja fora do Parque em Itatiaia ou mesmo na vizinha Penedo, que sempre me parece ter mais pousadas do que residências.

### O Simon

O Morro dos Três Picos pode ser alcançado a partir de trilha que sobe à direita cerca de 1,5km após o Centro de Visitantes do Parque. Eu a fiz pelo Hotel Simon (infelizmente hoje chamado de Itatiaia Park Hotel), onde me hospedei, pois ele é uma história à parte.

Ele foi iniciado em 1929 (portanto antes do Parque!) por um alemão chamado Simon, e é difícil imaginar porque ele foi escolhido aquele platô tão distante. O fato é que, após a ampliação 40 anos depois, o Simon tornou-se um local elegante, com sua localização importante, suas amplas instalações e seus janta-

ros engravatados. Hoje Haroldo, o filho de Simon, vive com dificuldades após ter vendido o hotel. Seus novos donos tentam recuperá-lo, lutando contra as intransigências do Governo e as realidades do mercado.

### A Trilha

Se você estiver no Simon, vá inicialmente até a piscina, ela é um dos atrativos do hotel, são quase 100 metros de água corrente, onde você só mergulhará se for louco. Suba então pela escadaria de pedra que vai dar na clareira onde começa a trilha.

Dobre à direita e prossiga numa rampa suave rumo oeste, até uma curva no sentido oposto. Agora você seguirá na direção nordeste, que irá acompanhá-lo até o cume. A trilha é de meia encosta, bem cuidada, cercada de vegetação expressiva e visitada pela algazarra dos pássaros.

No início, o caminho será moderadamente ascendente, cruzando na primeira meia hora os dois braços do Córrego Simon. A partir daí, durante mais 1 hora, a trilha torna-se mais íngreme, sujeita a maior interferência da vegetação e com algumas vistas interessantes do Vale do Paraíba.

Na meia hora seguinte, seu avanço será mais difícil, até atingir a Cachoeira do Rio Bonito, que deverá atravessar pela laje plana de baixo. Curiosamente, o caminho torna-se depois quase

plano, até a acentuada rampa final do cume, que vai lhe exigir mais pelo menos 30 minutos de esforço.

### A Vista

Você terá atingido o mais elevado dos três cumes, com 1.662m de altitude. O outro cume fica à direita, 40 metros mais baixo. Do ângulo onde você está, o terceiro parece ser simplesmente o ombro da montanha. Mas, visto lá de baixo de Penedo, ele realmente representa ser a terceira elevação.

A ascensão desde o Simon será de 600 metros, para 2,5 horas de caminhada, se você mantiver um ritmo constante. Embora as rampas não sejam muito íngremes, não é uma caminhada fácil, devido ao terreno irregular, aos trechos escorregadios e aos galhos interferentes. Estimo que tenham sido 14 km de trilha ida e volta. O cume é bem simpático, com uma pequena área plana com algumas pedras e uma vista das cidades próximas ao sul, ao longo do Vale do Paraíba - Itatiaia, Penedo e Resende. Na direção oposta, ficam as áreas mais elevadas do Parque, com encostas cobertas de verde.

Ao voltar, você percorrerá a trilha em menos de 2 horas, para um passeio de 5 horas ao todo. Se você sair cedo, poderá retornar no meio da tarde. Conheça as cachoeiras do Parque e, se ainda tiver forças, descubra que nem tudo à noite em Penedo é repouso.

## Rocklands - South Africa 2012

LUCIANO FERNANDES | SP

Uma das grandes alegrias existentes para todo e qualquer praticante de esportes de natureza é a oportunidade de poder viajar a um local novo. Seguramente cada viagem realizada é uma oportunidade de conhecer pessoas e lugares novos, vivenciar situações únicas e fazer intercâmbio cultural com todos. Sair do local de onde vive, ainda mais a outro país, é com certeza uma boa fonte para que as "piadas internas" dos integrantes façam partes do material a ser filmado. A potencialidade de fazer com que uma viagem torne-se um vídeo para ser mostrado para os amigos é enorme. Porém existem alguns fatores que devem ser levados em conta quando se deseja que este vídeo com o objetivo de exibição a toda e qualquer pessoa interessada pelo tema. Para todo e qualquer vídeo deve-se ter em mente que existe uma linha que comandará a história, esta linha chama-se roteiro. Não necessariamente um roteiro deve ser linear, mas sim deve ajudar o espectador a entender a história que está sendo contada. Uma dos principais dogmas de escolas de cinema é que: existe roteiro sem filme, mas não existe filme sem roteiro. O filme realizado pelos escaladores mineiros em uma das meças de prática de boulder mundial também não prestou atenção a este detalhe: necessidade de se contar uma história. Com uma nítida preocupação dos produtores em apenas retratar escaladores em boulders, e nada mais, o filme "Rocklands - South Africa 2012" acaba por transmitir a mensagem de ser um longo vídeo-clip de 40 minutos. O filme se assemelha mais a vários pequenos vídeos de escalada editados para que ficassem em sequencia do que um filme que retrata uma "Road trip" para a África do Sul. Elementos que tornariam o filme mais

interessante como diálogos, declarações, e até mesmo anseios de cada escalador não foram coletados. Até mesmo o curioso fato de que foram a um local de escalada em outro continente e não sequer cruzaram com nenhum outro escalador, ou passaram por nenhum local típico da região deixa a sensação de que não há a menor diferença entre um local do Brasil ou África do Sul. Em uma edição confusa, em que não há correlação entre imagens, o filme se aproxima muito de um conjunto de vídeos coletados e ao final editado às pressas para a criação de um filme. Efeitos como acelerar a velocidade de imagens de escaladas em boulder, e caminhada em trilhas demonstra que algumas imagens deveriam ter sido retiradas do vídeo, pois não agregaram nada à história. Importante observar que a qualidade do filme em nada tem a ver com a da escalada retratada no filme. Existem sim escaladas difíceis mostradas várias vezes, o que é muito interessante para pequenos vídeos curtos de 5 minutos disponibilizados na internet. Porém para a realização de uma duração maior, deve-se pensar em mais elementos do que apenas retratar escaladores. Ou outro detalhe que foi deixado de lado foi a falta de detalhamento sobre a história de cada boulder, ou mesmo o motivo que torna uma ou outra linha mais desejável por determinado personagem. Realizar um vídeo de escalada em boulder não é tarefa simples, porém há recursos de pesquisas que sirvam de inspiração para que em um próximo projeto os mesmos realizadores realizem um trabalho que valorize mais aquele sentimento agradável que é viajar.

## Um guia de MTB na Serra da Mantiqueira

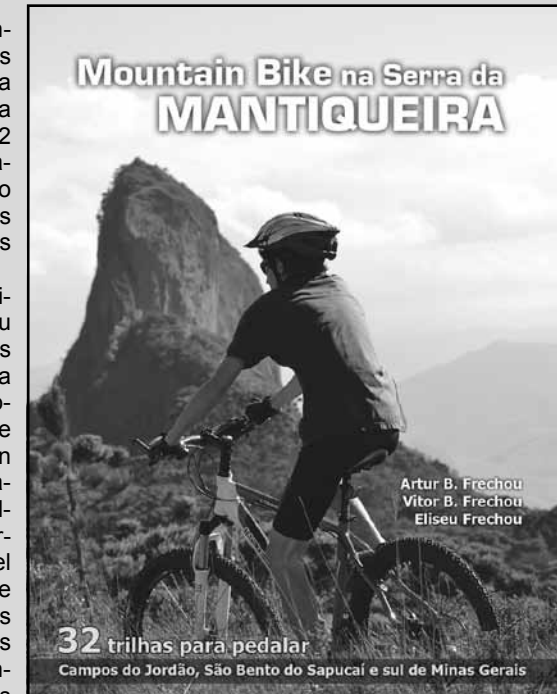
Após um ano de levantamentos e mais de 730km de trilhas mapeadas, finalmente saiu da gráfica o guia Mountain Bike na Serra da Mantiqueira, com 32 trilhas detalhadas pelas cidades de Campos do Jordão, São Bento do Sapucaí e sul de Minas Gerais (Gonçalves, Paraisópolis e Sapucaí-Mirim).

Os autores Artur B. Frechou, Vitor B. Frechou e Eliseu Frechou contaram com a ajuda de muitos escaladores que pedalam pela Mantiqueira e outros bikers locais para compor o mosaico de trilhas. Luciano Corrêa, Willyen Ip, Paulo Menezes, Marcio Prado, Orlando Mohallem, Jaime Alves, Donizete Silva, Willian Carneiro, Paulo Eduardo e Gabriel Valinho foram os parceiros que mostraram ao trio de autores os caminhos clássicos percorridos de bicicleta há anos pelas montanhas que beiram os estados de São Paulo e Minas Gerais, e tornaram possível este trabalho de levantamento.

Com 96 páginas no formato de bolso, o guia que custa R\$ 20,00 poderá ainda ser acompanhado de um DVD (R\$ 5,00) contendo os arquivos GPS das trilhas que constam na publicação, mais 3 trilhas bônus, além de alguns vídeos de mountain bike e escalada na região.

O Guia estará em breve à venda nas lojas especializadas, mas já pode ser adquirido por correio no site <http://mantiqueirabikers.wordpress.com/guia-mtb-serra-da-mantiqueira/>

Boas pedaladas mantiqueirenses!



A revista on line de escalada e montanhismo

blogdescalada.com

RESSOLE SUA SAPATILHA NA

\*SOS sapatilha

- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações [www.bele.com.br](http://www.bele.com.br) ou ligue para 11 82446672

www.halfdome.com.br

Al. dos Nhambiquaras, 946  
São Paulo - Moema  
Tel.: 11 5052-8082

## Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/04/2013.

**Mountain Voices** é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes. **Editor:** Eliseu Frechou. **Contatos:** Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



**Capa:** Valdesir Machado trabalhando a via Highway to Hell, possível 9c  
**Foto:** Edemilson Padilha

Nome.....  
Endereço.....  
Cidade..... Estado.....  
CEP..... Telefone.(.....).....  
E-mail.....  
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....  
Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

- ( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00  
( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00  
( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00  
( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar  
( ) Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00  
( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00  
( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00  
( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00  
( ) DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00  
( ) DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00  
( ) DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00  
( ) Disco HD Dias de Tempestade - R\$ 25,00  
( ) DVD Karma - R\$ 25,00

Total .....00

129

## Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site [www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)

### LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2  
Baú e Região



LOBOTOMIA 3  
De PE ao RS



DIAS DE TEMPESTADE  
mp4 e wmv

### Manuais de Escalada e Montanhismo

## Pedra do Baú Itatiaia Serra do Cipó

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso

www.mountainvoices.com.br



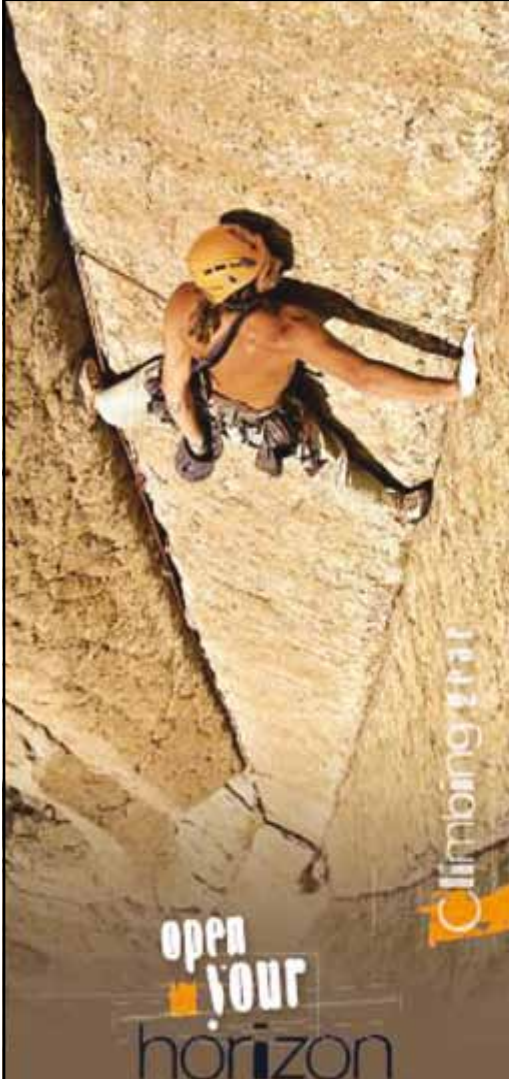
# Equinox



A Equinox completa 20 anos em 2012! 20 anos de dedicação, trabalho duro e, principalmente, conquistando a confiança dos montanhistas brasileiros! Temos orgulho em poder contar com a confiança de uma legião de fãs dos produtos da marca e da loja. Gostaríamos de agradecer a todos os nossos clientes, por todo o apoio recebido nestes anos, e esperamos poder retribuir sempre, com o melhor atendimento, produtos da melhor qualidade e o maior sortimento de produtos para montanhismo da WEB!

Visite nossa loja virtual e descubra o que os montanhistas de todo Brasil já sabem!




equinox.com.br



verticale  
verticality

Equipamentos de Escalada,  
Camping e Alpinismo Industrial

Distribuidor das Marcas

neto@verticale.com.br  
21 33441665 / 96416910

## novas calças



### Hombori e Boulder

CALÇAS TÉCNICAS E CASUAIS  
PARA SUA LIBERDADE.

CALÇA BOULDER  
CONFECCIONADA  
EM ALGODÃO COM  
ELASTANO. ■

CALÇA HOMBORI  
FEITA EM POLIAMIDA  
SUPER LEVE. ■



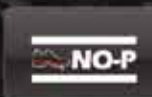
facebook.com/conquistamontanhismo1990  
[www.conquistamontanhismo.com.br](http://www.conquistamontanhismo.com.br)

# **SNAKE.** PELA 3ª VEZ RECONHECIDA POR FAZER O MELHOR EQUIPAMENTO.



## **ZODIAC II**

Desenvolvida com sistema de gerenciamento térmico Outlast® integrado com membrana Sympatex 100% impermeável e respirável, solado bi-componente Vibram Mars com tecnologia shock absorber, passadores e ganchos articulados para melhor ajuste dos cadarços e palmilha de proteção anti-perfuro.



# **SNAKE**®

[www.snake.com.br](http://www.snake.com.br)